



**PROJETO FINAL DE ARQUITETURA**

**AUTENTICIDADE E CONTRADIÇÃO**  
**HABITAÇÃO PARA ESTUDANTES - MARVILA**  
Margarida Santos Dias Martinho



2018-2019

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa  
Escola de Tecnologias e Arquitetura  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Mestrado Integrado em Arquitetura

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

### **Vertente Teórica**

Marvila - Autenticidade e Contradição

Orientadora | Eliana Sousa Santos, Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

### **Vertente Prática**

Habitação para Estudantes - Marvila

Tutora | Mónica Pacheco, Professora Auxiliar, ISCTE-IUL





## ÍNDICE GERAL

**Vertente Teórica** Marvila – Autenticidade e Contradição

Introdução

Enquadramento

Autenticidade e contradição

Marvila

Fontes

**Vertente Prática** Habitação para Estudantes – Marvila

Componente de Grupo

Componente Individual



## INTRODUÇÃO GERAL

O presente caderno reúne o trabalho desenvolvido na unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura, articulando a vertente teórica com a vertente prática.

A vertente teórica pretende ser uma base de conhecimento teórico, útil à compreensão do fenómeno de gentrificação que tem se intensificado no bairro de Marvila nos últimos anos. Toda a investigação tem como objetivo tentar perceber os vários fatores que levaram ao desenvolvimento deste território até hoje e à perspetivação daquilo que poderá vir a ser o seu futuro. Esta, deve estar integrada durante o processo projetual e contribuir para a escolha, de uma forma consciente, no desenvolvimento do Projeto Final de Arquitetura.

A vertente prática pressupõe uma intervenção na cidade de Lisboa, mais precisamente no bairro de Marvila, onde sobre a alavanca de todo o investimento económico do qual tem sido alvo este bairro nos últimos anos se propõe a instalação de residências para estudantes assim como a de todos os equipamentos que esta nova população, neste espaço, vai exigir. A proposta de grupo debruça-se ainda sobre as problemáticas mais identificadas neste espaço, e através do desenho de novas estruturas tenta dar resposta a algumas delas, como são exemplo, a falta de habitação de renda acessível e os problemas de mobilidade e segregação, resultantes dos acidentes geográficos e linhas ferroviárias.

Partindo de uma análise territorial a vários níveis - elaborada na vertente teórica - pretende-se criar o 'lugar', num espaço atualmente esquecido.





## **VERTENTE TEÓRICA**



## **AGRADECIMENTOS**

Antes de mais, um enorme obrigada aos meus pais Carlos e Clara Martinho.

Aos meus irmãos e avós pela empatia e todo o apoio ao longo destes anos de curso.

Um obrigada a todos os amigos que esta instituição me deu, em especial, à Benedita Leitão, à Margarida Dias e ao Gonçalo Spínola, entre outros, em memória dos muito bons momentos vividos.

A todos os professores que me acompanharam ao longo destes cinco anos, com especial atenção por aqueles cujos os temas de ensino ou a enorme de capacidade de ensinar me fizeram continuar a interessar-me por arquitetura.

À Filipa Riscado pela amizade, e trabalho de equipa.

Ao Vasco Costa Pelo apoio incondicional.

Às Professoras Mónica Pacheco e Eliana Sousa Santos, por todo o tempo e dedicação dispensados à elaboração deste Projeto Final de Mestrado e Tese.





## RESUMO

Marvila é uma antiga zona industrial entalada a norte e a sul por dois bairros proeminentes e dividida por duas linhas de comboio que demarcam o território e o tornam bastante distinto nas diferentes zonas. É assim um bairro fortemente marcado por barreiras não só físicas, mas também sociais e económicas.

À semelhança daquilo que acontece um pouco por todo o mundo nas cidades contemporâneas com estruturas industriais perto dos centros urbanos, esta zona sofre agora varias alterações relacionadas com o investimento público e privado e especulação imobiliária. Recentemente ocupada por indústrias criativas, galerias de arte e restaurantes de alta cozinha, este espaço enfrenta agora, entre outros, o enorme problema da gentrificação e por consequência uma enorme perda daquilo que a socióloga Sharon Zukin define como “autenticidade”.

**Palavras-Chave:** Cidade Pós-industrial, Autenticidade; Controvérsia; Gentrificação; Marvila.

## **ABSTRACT**

Marvila is an old industrial area tucked north and south by two prominent neighborhoods and divided by two railway lines that demarcate the territory and make it quite distinct in different zones. This is a neighborhood strongly marked by not only physical but also socioeconomic barriers.

Much like what happens around the world with industrial structures near urban centers in contemporary cities, this area now suffers several changes related to public and private investment and real estate speculation. Recently occupied by creative industries, art galleries and haute cuisine restaurants, this space now faces, among others, the enormous problem of gentrification and consequently a huge loss of what the sociologist Sharon Zukin defines as “authenticity”

**Key-words:** Post-industrial City; Authenticity; Controversy; Gentrification; Marvila.



## ÍNDICE

I – Agradecimentos

II - Resumo

III – Abstract

IV – Índice

0 - Introdução

1 Enquadramento

1. Contextualização e Tema

2. Objetivos

3. Estrutura

2. Autenticidade e contradição

2.1. Cidade e contradição

2.2. O espaço enquanto vazio na cidade

2.3. Gentrificação vs. Autenticidade

3. Marvila

3.1 Contextualização histórica

3.2 Contextualização geográfica e urbana

3. Marvila atual

3.1. Planos de investimento privados

3.2. Planos de investimentos públicos

3. Reflexão crítica

Fontes

Referências bibliográficas

Webgrafia

Índice de Figuras e Créditos

Anexos



## INTRODUÇÃO

Este trabalho surge no âmbito do Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura, do ano letivo 2018/2019, do ISCTE – IUL, onde na sua vertente prática, deverá ser abordado o “campus universitário do século XXI tendo em conta o seu carácter *heterotópico*, numa proposta que incluía um argumento sobre a AML e uma estratégia urbana, articulando simultaneamente alojamento universitário. (...) Especificamente, pretende-se que a redefinição de um determinado contexto, a partir da especulação sobre o Campus Universitário do século XXI, na sua especial condição na cidade – pela justaposição de vários espaços; no domínio público e na esfera privada, seja entendido pelo seu potencial e implicações multidimensionais - arquitetónica, urbanística, paisagística, cultural, social, política, etc. – de transformação e reconversão da estrutura física e social da cidade de Lisboa e suas áreas limítrofes.”<sup>1</sup>

O presente ensaio debruça-se sobre o conceito de “autenticidade” aplicada ao tema da arquitetura para explicar as mudanças da forma e funções urbanas nas cidades durante as últimas décadas: e expansão do espaço urbano e das dinâmicas metropolitanas de um dado lugar, uma “cidade multiplicada” (Munõz 2002). Pretende-se a discussão e a investigação do tema da transformação de cidade industrial na cidade pós-industrial, tendo sempre em vista o caso de estudo do bairro de Marvila em Lisboa.

As mudanças nas cidades marcadas pelo período da revolução industrial vão acontecendo gradualmente um pouco por todo o mundo ao longo dos últimos séculos. Não existe, no entanto, um único modelo de cidade pós-industrial pois é muito extensa a quantidade de contextos urbanos em que estas alterações ocorreram, e ainda ocorrem,

---

<sup>1</sup> PACHECO, Mónica - Enunciado Vertente Prática (Da Cidade Pós-industrial ao Novo Campos Urbano), 2018. (Ver anexo)



como é exemplo do bairro de Marvila, onde se pode considerar que esta transição está em curso.

Pretende-se, assim, perceber o processo em curso no bairro de Marvila sustentando a discussão sobre o mesmo, com uma base teórica que informa acerca do espaço e tempo, funções, utilizações, identidade e sobretudo o conceito de “autenticidade”.

Ao longo das últimas décadas têm existido mutações estruturais na economia sendo que a que teve mais impacto terá sido a proliferação da tecnologia digital. Também se deram grandes mudanças nas redes de comunicação, que entre muitas outras coisas motivaram a dispersão da população principalmente no que diz respeito às periferias das grandes cidades.

Aos novos espaços que surgem nas áreas metropolitanas passam a ser atribuídas funções económicas que antes eram características dos centros urbanos e por isso pode falar-se no surgimento de *múltiplas centralidades* na cidade pós-industrial. Estes processos de descentralização espacial vieram mostrar como as formas de centralidade não são exclusivamente urbanas (ou pelo menos não no sentido tradicional do termo). Testemunhamos um processo onde os limites espaciais de produção e consumo acabam por coincidir com os limites do espaço urbano mais densamente ocupado. Estas dinâmicas reorganizam a rede metropolitana que tende a ficar mais dispersa na sua forma (Soja 2000).

Atividades ligadas ao setor terciário passam a substituir a produção industrial dentro das cidades contemporâneas, são estas atividades ligadas aos serviços e lazer que hoje têm mais destaque, sendo que a indústria passa tendencialmente a ser deslocada para zonas fora das cidades.

Existem, no entanto, outras características que definem as cidades onde vivemos e que não estão diretamente relacionadas com esta deslocação da indústria para fora das

ciudades. São exemplo a construção de maiores e mais funcionais redes metropolitanas e de mobilidade dentro da cidade, atividades culturais e eventos internacionais como são o caso de festivais e de exposições (como a Expo 98), o turismo, entre muitas outras características.

De entre estes traços, salienta-se a vasta dimensão territorial da cidade contemporânea, com novas formas de organização e um processo de crescimento e expansão pelo território, que vem modificando e alterando as configurações espaciais tradicionais.

No entanto, a cidade pós-industrial não deve ser apenas caracterizada pela tendência para a uniformização, com a conseqüente perda de autenticidade e identidades locais. Ao mesmo tempo que certas medidas económicas, conduzem a cidade a uma uniformização dos espaços, outros aspetos como as migrações, certos eventos públicos, entre outros geram diversidade e novas identidades urbanas.

Os processos de globalização são um tema amplamente discutidos por vários autores que descrevem e discutem a instabilidade territorial no mundo atual e identificam as particularidades do desenho da cidade contemporânea tais como David Harvey (1990) e Manuel Castells (1997).

Na teoria urbana contemporânea, encontramos muitos aspetos dessa cidade e da sua relação com a inconstância, Ascher (1995) explica uma cidade grande, heterogénea, descontínua, móvel e complexa, com novos desafios para os profissionais urbanos. Outras teorias do crescimento e regeneração urbana referem a diversidade como qualidade e atribuem-na a processos específicos como o da autenticidade.

Sharon Zukin (2010) define *autenticidade* e explica que esta deve ser usada respeitando os direitos de propriedade. Reclamar *autenticidade* pode sugerir o direito à cidade, um direito humano, que é cultivado pelos seus residentes mais antigos, os que usam e habitam o espaço urbano. Tal como ícones – no sentido religioso original da

palavra – onde o seu significado deriva dos rituais nos quais estão embebidos, também os bairros, edifícios e as suas ruas derivam das tradições e práticas de quem os habita.

No seu livro *Naked City: The Death and Life of Authentic Urban Places* a socióloga diz ainda que a autenticidade é quase sempre utilizada como alavanca de poder cultural para um grupo que ocupa um espaço, retirando-o a outros sem confronto direto, isto é, com a ajuda do estado, a persuasão dos media e da cultura de consumo. Podemos alterar esta alavanca na direção da democracia, no entanto quando se criam novas formas de administração público-privadas que dão residentes, trabalhadores e proprietários de pequenos negócios, o direito de criar raízes e permanecer no lugar. Isso estabeleceria um equilíbrio entre as origens da cidade e seus novos inícios.

A discussão que é proposta, sobre a transição da cidade moderna-industrial para uma cidade com maior indeterminação, que podemos chamar pós-industrial, pós-moderna ou contemporânea, tem a intenção de promover uma visão evolutiva sobre os processos urbanos. Uma visão menos focada numa substituição total dos modelos, e mais centrada num potencial de transformação gradual, aberto a diferentes alternativas, conduzidas pelo conceito de “*autenticidade*”.

Será avaliado, como objeto final, o bairro de Marvila em Lisboa, onde através de uma discussão acerca de todas as mudanças que estão a acontecer, assim como a sua história e características geográficas, aliadas à componente teórica, nos informarão acerca da melhor forma para nele intervir.



*Figura 1 Paul Citroën, Metrópolis, 1923*





## 01 | ENQUADRAMENTO

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO

O contexto sobre o qual se irá trabalhar insere-se na zona oriental de Lisboa, concretamente junto ao à estação ferroviária de Marvila. Marvila é constituída por um conjunto de assentamentos maioritariamente de origem industrial, que estão distribuídos sobre uma estrutura urbana desconexa e marcada por vários acidentes no território.

Esta fragmentação é marcada pelas duas linhas de comboio que convergem na Estação Braço de Prata e pelas diferentes géneses urbanas de bairros que aqui se encontram, assim como por estruturas de enorme impacto no território como o Porto de Lisboa.

O contexto atual é marcado por uma desindustrialização que se deu no final do século passado e por uma apropriação de vários corpos industriais para outro tipo de funções terciárias, assim como enormes vazios remanescentes de construções que estão neste momento altamente expectantes. Estes vazios assim como todos os planos que surgiram para esta zona da cidade no início do século XXI, tornam inevitável a oportunidade de regeneração urbana que neste caso tentamos aliar à falta de habitação para estudantes e de casas de renda acessível.

Através de uma abordagem temática, pretende-se um olhar sobre o tema da *autenticidade*, por se considerar que este deve ser tido em conta quando se fala em regenerações de bairros com características e populações tão próprias como o de Marvila.

## TEMA

Propõe-se uma discussão e pensamento sobre os problemas inerentes às formas de habitar a cidade contemporânea, as novas formas de ocupação do espaço e território e as várias teorias desenvolvidas em torno do tema da “*autenticidade*”.

Sobre o tema da *autenticidade* surge uma reflexão sobre a cidade, ainda herdeira dos modelos modernos de zoneamento, assim como na escala e divisão social do espaço. As diretrizes principais desta investigação pretendem tocar nos pontos:

1) A escala da cidade, a sua configuração urbana e o impacto nas mudanças que assistimos nas últimas décadas, mais concretamente os impactos que heterogeneidade tem nas dinâmicas de bairro e as necessidades que provoca;

2) Um olhar sobre a história e atualidade do bairro de Marvila, onde tendo em conta todos os projetos e planos para esta freguesia, se tenta fazer uma análise crítica e proposta de regeneração urbana.

## 2. OBJETIVOS

O presente trabalho é desenvolvido com o propósito de documentar e justificar as decisões adotadas na proposta de projeto final, assente sobre a busca do significado e aplicabilidade da definição de “*autenticidade*” de Sharon Zukin.

Do ponto de vista urbano, pretende-se salientar e intervir sobre aquele que é, a nosso ver, o maior fator de segregação no território, as discontinuidades causadas pelas linhas ferroviárias. A proposta é assim desenvolvida ao longo do eixo que conduz a zona baixa do bairro à estação de comboios de Marvila, cujo o argumento prevê que passe a



ser a porta de entrada na freguesia e na cidade, tirando partido da sua localização privilegiada e dos terrenos expectantes que a rodeiam.

É proposta uma nova centralidade através do desenho de equipamentos e conjuntos habitacionais que recuperam o cariz social e urbano de Marvila onde a tipologia de habitação operaria ainda está muito presente.

A proposta de intervenção prevê:

- 1) Uma sala de estudo e polo cultural e elevador público: de carácter multifuncional com espaços que promovam o envolvimento da população na vida cultural e respondam na mesma medida às necessidades da nova população que aqui se instala, os estudantes. O programa propõe o desenho de um auditório, sala de estudo, bar, espaços expositivos e pequena biblioteca assim como o de um elevador público que tem a principal função de facilitar o acesso à Estação de Marvila.
- 2) Programas de habitação para estudantes: atendendo ao programa proposto a integração de tipologias de coabitação, permite que jovens estudantes ou trabalhadores em início de carreira, trabalhem e vivam no complexo proposto, numa dinâmica de proximidade.
- 3) Solução arquitetónica contemporânea: procurou chegar-se a uma solução projetual cuja contemporaneidade se revela nos aspetos funcionais e estético da arquitetura a solução é disruptiva em relação à existente no bairro, no desenho e materialidade proposta.

A metodologia adotada na elaboração deste trabalho, foi dividida em três momentos distintos, que compreendem uma componente teórica e outra prática, respetivamente, a justificação e desenvolvimento do projeto final, e uma conclusão onde são apresentadas as considerações finais que abordam pontos relativos a ambos os momentos.

### 3. ESTRUTURA

Num primeiro momento deste trabalho é abordada a vertente teórica, que compreende o Capítulo I, onde são desenvolvidos assuntos em torno da definição de “*autenticidade*”.

Numa primeira instância é feita uma contextualização de algumas das teorias que advieram dos problemas gerados pela cidade industrial e moderna, como a dicotomia entre “*espaço*” e “*lugar*” e a definição de “*vazio*”, essenciais para uma leitura do bairro de Marvila.

É posteriormente esclarecida a definição de “*autenticidade*” de Sharon Zukin, diretamente relacionada com a o problema da gentrificação em determinados bairros, que a autora descreve em *Naked City*, bairros em que os fenómenos que estão neste momento a acontecer em Marvila já ocorreram, e por isso parece essencial perceber a visão da socióloga sobre os seus impactos para que se tirem posteriormente conclusões sobre o caso em estudo.

Ainda no primeiro capítulo é feita uma descrição e investigação acerca da história e recentes projetos para Marvila, assim como uma contextualização urbana e geográfica do seu território.

Por fim é feita uma reflexão crítica acerca deste território (informada pela parte teórica antes descrita) e que tem como fim justificar a pertinência das decisões de intervenção urbana e projetual tomadas.

O segundo momento, o Capítulo II, corresponde à componente prática e diretamente relacionada com a proposta projetual que se divide em subcapítulos que informam acerca, formulação de argumento e proposta de grupo e proposta individual de desenvolvimento de projeto.





## 02 | AUTENTICIDADE E CONTRADIÇÃO



*Figura 2 Ilustração da capa de "Le droit à la ville" de Henri Lefebvre*



*Figura 3 Ilustração da capa de "La producción del espacio" de Henri Lefebvre*

## 1. CIDADE E CONTRADIÇÃO

A dicotomia entre os conceitos de “espaço” e “lugar”, é a prova da necessidade de olhar sobre o paradigma social vigente e para as manifestações de cultura de um determinado tempo histórico de determinado local. A reflexão acerca da cidade tem, deste modo, de ter total domínio acerca dos seus acontecimentos passados.

Para compreendermos a cidade contemporânea é essencial que se debatam o tema da contradição que lhe é inata como é o caso do antagonismo entre “espaço” e “lugar”, um tema amplamente explorado no âmbito da sociologia e arquitetura por se tratar de um tema pluridisciplinar, presente nos mais diversos contextos de conhecimento.

Para Henri Lefebvre o espaço é um produto social. Lefebvre, propõe uma teoria que entende o espaço como inevitavelmente preso à realidade social, visão que conclui que o espaço “em si mesmo” jamais pode servir como um ponto de partida epistemológico. O espaço não existe em “si mesmo”. Ele é produzido.

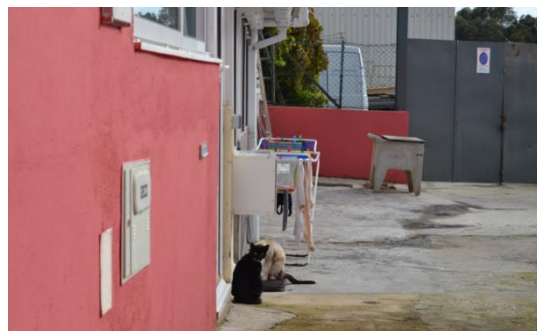
Esta concepção de espaço de Lefebvre enfatiza ainda mais a relação do espaço com o que o produz quando este constrói três dimensões da produção do espaço: o espaço percebido, o concebido e o vivido.

O espaço percebido é apreendido pelos sentidos, mas não só a visão, audição, olfato, tato e paladar, mas também percepção integral de toda a prática social, é exemplo disto a percepção da materialidade dos elementos do espaço.

*“A prática espacial de uma sociedade secreta seu espaço; ele a postula e supõe em uma interação dialética; ele produz lenta e calmamente dominando-o e apropriando-o. Do ponto de vista analítico, a prática espacial de uma sociedade é descoberta decifrando seu espaço. (...) Expressa uma estreita associação no espaço percebido entre a realidade cotidiana (uso do tempo) e a realidade urbana (rotas e redes ligadas a locais de trabalho,*



*Figura 4 Mulher que lava os tapetes no espaço público - Marvila (fotografia da autora)*



*Figura 5 O pátio da vila enquanto extensão da casa - Marvila (fotografia da autora)*



*Figura 6 Horta urbana (fotografia da autora)*

*vida privada, lazer). Sem dúvida, essa associação é surpreendente, porque inclui a separação mais extrema entre os lugares que vincula. A competência espacial e o desempenho de cada membro da sociedade são apenas empiricamente apreciáveis. A prática espacial “moderna” é assim denotada pela vida cotidiana de um morador social na periferia - um evento limitado, mas sem dúvida significativo -, sem que isso nos autorize a deixar de lado as rodovias ou a política de transporte aéreo. Uma prática espacial deve ter uma certa coesão, sem que isso seja equivalente a coerência (no sentido de intelectualmente elaborado, logicamente concebido).” (Lefebvre 2013, 97).<sup>2</sup>*

O espaço concebido é definido pela junção de todos os elementos de forma a formar um “todo”, ato ligado à produção de conhecimento.

*“As representações do espaço, isto é, o espaço concebido, o espaço de cientistas, planejadores, urbanistas, tecnocratas fragmentários, engenheiros sociais e até mesmo de um certo tipo de artistas próximos à ciência, todos identificam o que foi experimentado e percebido. o concebido (o que perpetua as especulações misteriosas sobre os Números: o número dourado, os módulos, os cânones etc.). É o espaço dominante em qualquer sociedade (ou modo de produção). As concepções de espaço tenderiam (com algumas exceções sobre as quais teremos que retornar) a um sistema de sinais verbais - elaborado intelectualmente.” (Lefebvre 2013, 97).<sup>3</sup>*

O espaço vivido é concebido através da experiência empírica da vivência de determinado lugar.

---

<sup>2</sup> Tradução livre de: Lefebvre, H. (2013). *La producción del espáicio*. Madrid: Capitán Swing.

<sup>3</sup> Tradução livre de: Lefebvre, H. (2013). *La producción del espáicio*. Madrid: Capitán Swing.





*Figura 7 Nó rodoviário Vale de Chelas*

*“Os espaços de representação, ou seja, o espaço vivido através das imagens e dos símbolos que o acompanham e, a partir daí, o espaço dos “habitantes”, dos “usuários”, mas também de certos artistas e talvez daqueles romancistas e filósofos que descrevem e apenas aspiram a descrever. É o espaço dominado, isto é, passivamente experimentado, que a imaginação deseja modificar e tomar. Sobre o espaço físico usando seus objetos simbolicamente. Portanto, esses espaços de representação mostrariam uma tendência (novamente com as exceções anteriores) para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e sinais não-verbais.” (Lefebvre 2013, 98).<sup>4</sup>*

Esta tríade é, ao mesmo tempo, individual e social não é somente constitutiva da auto produção dos indivíduos, mas da auto-produção da sociedade. Todos os três conceitos denotam processos ativos individuais e sociais ao mesmo tempo.

A ideia de espaço enquanto concepção coletiva é também exposta por Maurice Halbwachs, que na sua obra *La mémoire collective* (1968), defende que o espaço é o suporte ideal para as nossas memórias, tanto coletivas como individuais. Um grupo «molda» o espaço ao mesmo tempo que se deixa «moldar» por ele, tal como também o espaço fixa as características do grupo.

*“Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem. Ele se fecha no quadro que construiu. A imagem do meio exterior e das relações*

---

<sup>4</sup> Tradução livre de: Lefebvre, H. (2013). *La producción del espáicio*. Madrid: Capitán Swing.



*Figura 8 Apeadeiro de Marvila  
(fotografia da autora)*



*Figura 9 Apeadeiro de Marvila  
(fotografia da autora)*



*Figura 10 Apeadeiro de Marvila após a  
intervenção de LS em “Muro-Festival de  
Arte Urbana”*

*estáveis que mantém consigo passa ao primeiro plano da idéia que faz de si mesmo.”* (Halabwachs 1990, 133)<sup>5</sup>

Aproximando esta reflexão do objeto de investigação, a obra de Sharon Zukin, que perspectiva a cidade como resultado de uma delimitação socio-espacial comunitária. Para Zukin a cidade é resultado da ideia que cada comunidade atribui aquilo que passa a ser um lugar por ser fruto de um conjunto de valores partilhados pelos membros que o habitam e experienciam (Zukin, 1996).<sup>6</sup>

Nas suas revisões acerca das paisagens pós-modernas, Zukin através exemplos empíricos relativos à cidade de Nova Iorque, demonstra que estes se caracterizam essencialmente pela regeneração urbana dos antigos lugares, em que através da regeneração urbana é lhes conferido significado. Este processo verifica-se com especial ênfase nas cidades pós-industriais pois é nestas onde surge uma maior necessidade de atribuir novos usos urbanos às estruturas industriais. Estes espaços são caracterizados por uma ambiguidade de função. (Zukin, 1996).

Os projetos de regeneração urbana nestes casos não podem apenas passar por reabilitar estes lugares, pois isso configuraria uma artificialização simbólica da sua própria forma que é inimiga da ideia de autenticidade urbana que concebe. Destas ideias detém-se que se a regeneração for feita apenas com vista a manter símbolos que depois não encaixam com estrutura social e cultural que os ocupa, estes serão sempre espaços fingidos, ou como a própria chama “espaços-simulacros”.

---

<sup>5</sup> Halabwachs, M. (1990). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vertice.

<sup>6</sup> Zukin, S. (1996). *Paisagens Urbanas Pós-modernas: mapeando cultura e poder* (pp. 204-219). Revista do Património Histórico e Artístico Nacional.



*Figura 11 Mapa de vazios das Freguesias de Marvila e Beato (esquema da autora)*

Neste âmbito é então indispensável referir a definição de “*não lugar*” de Marc Augé, que resume todas as ideias já descritas: “Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar.”<sup>7</sup>

## 2. O espaço enquanto vazio na cidade

Em suma, a definição de um “lugar” está subjacente a uma lógica de atribuição de valor por parte de certo grupo a quando do processo de apropriação de certo espaço. No entanto a cidade contemporânea é caracterizada por inúmeras variáveis que atuam neste processo ao longo do tempo e que a moldam constantemente.

Josep Maria Montaner, define os “*não lugares*” de Augé como “espaços da supermodernidade e do anonimato, definidos pela superabundância e o excesso. São espaços relacionados sempre com o transporte rápido, o consumo e o lazer que se contrapõem ao conceito de lugar das culturas baseadas em uma tradição etnológica localizada no tempo e no espaço, radicadas na identidade entre cultura e lugar, na noção de permanência e unidade.” Esta definição de “*não lugares*” serve para explicar o surgimento de espaços remanescentes às construções da Cidade Moderna que podemos considerar de vazios.<sup>8</sup>

As cidades são fruto de um conjunto de sobreposições temporais, ao longo do tempo as várias ações nelas operadas fundem-se e o desenho da malha urbana pode ser

---

<sup>7</sup> Augé, M. (2016). *Não Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade* (p. 69). Lisboa: Letra Livre.

<sup>8</sup> Montaner, J. (2019). *A MODERNIDADE SUPERADA* Ensaios sobre Arquitectura contemporânea. Barcelona: G. Gili, Ltda.



*Figura 12 Descampado, junto à estação de Marvila utilizado como horta urbana. (fotografia da autora)*



*Figura 13 Terrena da antiga “Sociedade Nacional de Sabões” (SNS) demolida nos anos 90 (fotografia da autora)*

interpretado como um *palimpsesto* onde se é possível ler a memória de cada época. Os vazios urbanos tradicionais, as ruas, largos, praças, são o resultado de assentamentos passados ou de planos bem definidos que os desenharam propositadamente. Estes vazios são fulcrais na leitura e na construção de imagem mental de uma cidade (Lynch 1966).<sup>9</sup> Nestes casos os vazios são momentos mais amplos e respiráveis no tecido urbano, e atuam como pontos de referência, reconhecidos por qualquer um, são assim pontos fulcrais no desenho do tecido urbano, abertos às mais múltiplas dinâmicas (Choay 1969)<sup>10</sup>.

No entanto o conceito de “vazio” que mais interessa abordar neste processo de investigação está relacionado com os espaços criados na cidade Moderna. As ideias de cidade Moderna estão muito presentes nas cidades que hoje encontramos, principalmente no que diz respeito à sectorização de funções e à fragmentação do território, causada pelas grandes vias de comunicação, que geraram na cidade grandes vazios e um conjunto considerável de espaços expectantes.

Com a pós-modernidade e o regresso em massa aos centros urbanos surge a vontade de integração em oposição à fragmentação já descrita e por isso surge uma nova abordagem em relação a estes vazios que começam a ser vistos numa perspectiva de oportunidade de intervenção. Como foi antes visto, é neste momento que surgem projetos para a reabilitação de zonas portuárias e/ou industriais abandonadas.

Em Marvila, proliferam os vazios que resultam de descontinuidades abruptas no território, marcas de atravessamentos ou infraestruturas industriais. Estes espaços configuram elementos urbanos expectantes, são zonas limite ou de ligação entre lugares.

O eixo escolhido como elemento de regeneração urbana, faz a ligação da parte baixa do bairro até ao apeadeiro da Estação de Marvila, é pontuado por dois

---

<sup>9</sup> Lynch, K. (1966). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.

<sup>10</sup> Choay, F. (1969). *The Modern City: Planning in the 19th century*. Londres: Studio Vista.





*Figura 14 Espaços de intervenção (fotografias da autora)*

atravessamentos de linhas ferroviárias, terrenos baldios, ruas muradas e escadas. Este tipo de espaços descritos, sem forma e por não suportarem vivências sociais podemos descrever como: sem identidade, abstratos, ilegíveis, ilegítimos, não inteligíveis e obsoletos. Este tipo de estruturas sem leitura afetam a imagem que se constrói das cidades, tornando-as menos pertença de quem as habita.

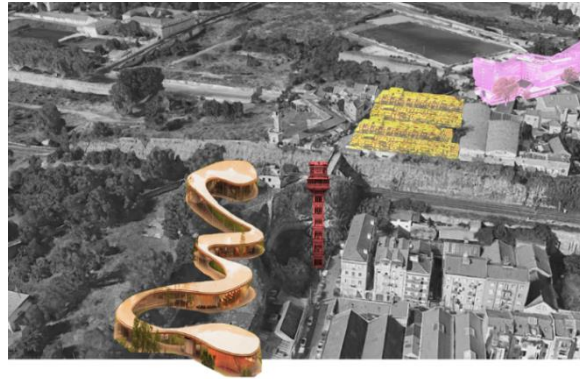
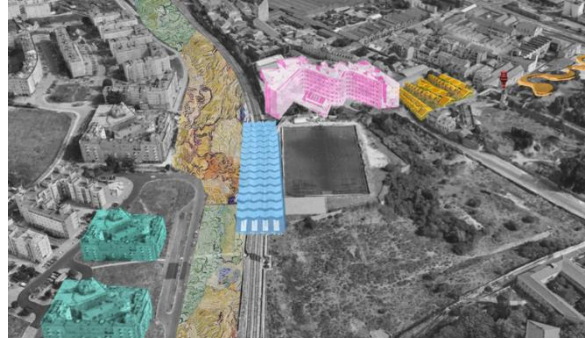
Também Françoise Choay critica o vazio fruto dos elementos da modernidade, o vazio suburbano produzido pela banalização da ideia de uma cidade condensada. Sugere a necessidade de uma nova reflexão sobre estes espaços que resolva os problemas que lhe são intrínsecos, como as descontinuidades. Os vários sistemas que integram a cidade moderna devem ser articulados e transformados na transição de escalas.

*«La balneie presente l'illustration dégradée d'un espace corbusien mal éclaté et mal classé, où la fonction de logement, hypertrophiée, ne laisse pas place aux autres types d'activité et d'où la rue a disparue sans la contrepartie d'unités et de liaisons fonctionnelles.»*  
(Choay 1969, 104)<sup>11</sup>

Estes “vazios” são também matéria de estudo de Ignasi Solá-Morales, que através do termo francês “*terrain vague*”, explora o seu significado, descrevendo-os como espaço vagos, livres, obsoletos ou até improdutivos, mas também imprecisos e sem futuro (Solá-Morales, 1996).

---

<sup>11</sup> Choay, F. (1969). *The Modern City: Planning in the 19th century* (p.104). Londres: Studio Vista.



*Figura 15 Representação do proposta de grupo (colagem da autora)*

*“São lugares aparentemente esquecidos, onde parece predominar a memória do passado sobre o presente. São lugares obsoletos nos que somente certos valores residuais parecem se manter apesar de sua completa desafeição da atividade da cidade. São, em definitiva, lugares externos, estranhos, que ficam fora dos circuitos, das estruturas produtivas. Desde um ponto de vista económico, áreas industriais, estações de trem, portos, áreas residenciais inseguras, lugares contaminados, tem se convertido em áreas das que se pode dizer que a já não se encontra ali. São suas bordas carentes de uma incorporação eficaz, são ilhas interiores esvaziadas de atividade, são restos que permanecem fora da dinâmica urbana. Convertendo-se em áreas simplesmente deshabitadas, in-seguras, im-produtivas. (...) Como pode atuar a arquitetura no terrain vague para não se converter num agressivo instrumento dos poderes e das razões abstratas? Sem dúvida, através da atenção à continuidade. Mas não da continuidade da planejada, eficaz e legitimada, mas, todo o contrário, através da escuta atenta dos fluxos, das energias, dos ritmos que o passar do tempo e a perda dos limites têm estabelecido.” (Solá-Morales, 2002).<sup>12</sup>*

A definição de vazio urbano parece assim essencial quando o tema em causa é o a freguesia de Marvila, um território muito marcado por estes símbolos da modernidade já descritos e onde proliferam os espaços vazios que neste caso podem ser interpretados como expectantes. A proposta de grupo foca-se na zona envolvente à estação ferroviária de Marvila e no percurso até ela desde a zona baixa, um percurso ingreme, caracterizado pelo atravessamento de uma linha de comboio e pontuado por vários descampados e edifícios devolutos. Através de vários elementos e edifícios públicos e habitacionais, desenha-se assim um percurso que pretende resolver a dicotomia nas articulações de mobilidade deste espaço.

---

<sup>12</sup> (Texto original em espanhol: Ignasi de Solà-Morales (Territórios, Gustavo Gili, 2002) / Tradução ao português: Igor Fracalossi) Fracalossi, I. (2019). Terrain Vague / Ignasi de Solà-Morales. Retrieved 23 August 2019, from <https://www.archdaily.com.br/br/01-35561/terrain-vague-ignasi-de-sola-morales>



z

Figura 16 "La Muerte del Barrio" de MTO - Miami

## 2.4 – Gentrificação vs. Autenticidade

O termo gentrificação designa por norma o processo de valorização imobiliária de determinada zona urbana, processo esse que promove a deslocação dos seus originais residentes com menor poder económico para outras áreas. O tipo de operações envolvidas neste processo são geralmente de “higienização” social do espaço urbano causadas por intervenções arquitetónicas de grande apelo visual. É a socióloga Ruth Glass (1963) quem começa por usar este termo para explicar os processos de elitização dos antigos bairros de Londres, especialmente o de Islington onde vivia e onde descreve uma enorme desigualdade e injustiças sociais causadas pelo capitalismo e as políticas de mercado livre.

O conceito de gentrificação volta a ser amplamente discutido por Neil Smith, nas suas obras *The New Urban Frontier: Gentrification an Revanchist City* (1996), *Antipode* (2002), *Gentrification os the City* (1986), entre outros. Smith alarga o conceito, não restringindo as suas causas apenas à reabilitação de habitações descritas por Glass, as suas dissertações estão relacionadas intervenções de muito maior escala, como novos edifícios em terrenos vazios, e a produção de grandes espaços públicos para uma classe média-alta:

*“If we look back at the attempted definitions of gentrification, it should be clear that we are concerned with a process much broader than merely residential rehabilitation (...) a more profound economic, social, and spatial restructuring. In reality, residential gentrification is integrally linked to the redevelopment of urban waterfronts for recreational and other functions, the decline of remaining inner-city manufacturing facilities, the rise of hotel and convention complexes and central-city office developments, as well as the*



?



Figura 17 Os novos projetos para Marvila vs os seus atuais habitantes (colagens da autora)



*emergence of modern “trendy” retail and restaurant districts ... Gentrification is a visible spatial component of this social transformation. A highly dynamic process, it is not amenable to overly restrictive definitions. (SMITH and WILLIAMS 1986: 3)*<sup>13</sup>

Estes processos de regeneração e reabilitação urbana são visíveis um pouco por toda a Europa no início do século XXI, edifícios megalómanos com formas orgânicas empregando novos materiais e novas técnicas construtivas, museus, filarmónicas, estádios, estações ferroviárias, começam a pontuar o território destacavam-se entre os edifícios tradicionais da cidade. Estas novas construções atraem milhares de visitantes e tornam-na mais rica culturalmente, mas são também promotores de gentrificação.

Um dos casos mais representativos deste fenómeno acontece em Bilbao, Espanha, uma antiga cidade industrial que estava em decadência. Multiplicavam-se os espaços abandonados, não havia investimento e por isso as taxas de desemprego eram altíssimas. Tomou-se a iniciativa pública de revitalizar a cidade através de projetos de grande escala, foi construído um aeroporto, da autoria do arquiteto Santiago Calatrava e uma rede de metro com o cunho de Norman Foster, mas o projeto mais importante e que voltou a colocar Bilbao no mapa, foi o Museu Guggenheim, um projeto do arquiteto Frank Gehry. O projeto gerou muita controvérsia, mas a verdade é que apesar da sua localização, enorme escala e excêntrica, quase escultórica forma, o museu foi capaz de recuperar o seu investimento e ainda dinamizar a cidade. A estratégia de renovação da cidade ficou famosa, sendo chamada de "Guggenheim Effect".

---

<sup>13</sup> Smith, N., & Williams, P. (1986). *Alternatives to orthodoxy: invitation to a debate. In Gentrification of the City* (pp. 1–10). London: Allen & Unwin.



Piano Parque Hospitalar Oriental - Arc. Souto Moura



Prata Living Concept - Renzo Piano



Figura 18 Os novos projetos para Marvila vs os seus atuais habitantes (colagens da autora)

empresas. Empiricamente a socióloga holandesa documenta a reestruturação urbana das cidades de Nova Iorque, Londres e Tóquio, na sua transição de cidades da manufatura para cidades de produção de serviços e centros económicos.

Tendo sempre em vista uma análise das mudanças sociais nestas cidades, a socióloga descreve enormes impactos nas estruturas sociais, transformações na organização laboral, distribuição de riqueza e hierarquia social. Os trabalhos gerados nestas cidades globais que descreve estão também eles ligados a uma economia global e a concentração destes serviços promove uma polarização espacial. Por um lado, encontramos estes novos setores relacionados com a gestão de investimento, investigação, administração, entre outros, que fazem afluir a zonas da cidade uma classe com poder de compra e um estilo de vida abonado, os chamados “young urban professionals” ou “yuppies”, por outro encontramos também nestes sítios uma classe sem recursos que presta os serviços que não requerem qualificações, como empregadas de limpeza ou seguranças noturnos. A proliferação desta elite alimenta o crescimento de atividades luxuosas, como hotéis ou centros comerciais, que tornam difícil a competitividade de outros setores mais pequenos como o comércio tradicional de rua que por isso vê-se obrigado a deslocar-se ou até mesmo desaparecer:

*“Gentrification was initially understood as the rehabilitation of decaying and low-income housing by middle-class outsiders in central cities. In the late 1970s a broader conceptualization of the process began to emerge, and by the early 1980s new scholarship had developed a far broader meaning of gentrification, linking it with processes of spatial, economic and social restructuring.” (SASSEN 1991, 255)<sup>14</sup>*

---

<sup>14</sup> Sassen, S. (1991). *The Global City*. Princeton: Princeton University Press.

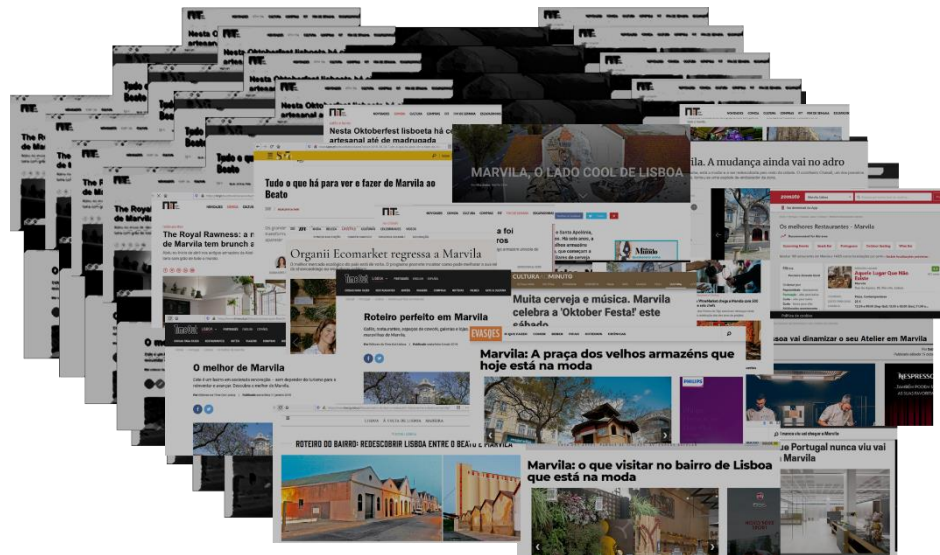


Figura 19 "Marvila está na moda" - media (colagem da autora)

É com estes elementos como pano de fundo que a socióloga Saron Zukin vai basear o seu texto sobre aquilo que chama “the authentic city”. Explorando as mais recentes transformações na cidade Nova Iorque que tiveram lugar após a desindustrialização da cidade, a gentrificação, a imigração, multiculturalidade e produção cultural — os temas que a autora discute no seu Livro *Naked City* (2010)

De uma forma muito crítica e provocadora são descritos os novos processos de revitalização urbana promovidos tanto por investidores privados que constroem habitações para classes abastadas, como projetos públicos cuja regeneração urbana torna conveniente o investimento privado. É mostrado como estes acontecimentos têm vindo a destruir a diversidade cultural e social de determinados bairros que caracteriza como sendo “autênticos”, mas onde com o auxílio dos *media* passam a ser vendidas como marcas ou experiências, onde as necessidades de consumo dos novos visitantes e moradores nada têm que ver com as dos seus moradores originais.

Este processo é, no entanto, bastante ambíguo pois ao passo que o investimento melhora a qualidade dos espaços e os torna mais modernos e estimulantes, as substituições no tipo de comércio e das especificidades que tornam determinados bairros típicos e “autênticos” acaba por afastar os seus ocupantes naturais e o motivo de atração que é vendido também acaba por desaparecer.

Em vários exemplos ao longo de todo o livro a autora mostra que reconhece *autenticidade* aos espaços quando a eles estão associados um determinado tipo de população, edifícios, comércio e diversidade social que lhe confere uma identidade própria e intemporal. Muitas vezes é citada a obra de Jane Jacobs *Morte e Vida de grandes Cidades* (1961), no entanto a palavra “autenticidade” não é utilizada por Jacobs, esta fala essencialmente em diversidade e carácter.

Rua Capitão Leitão  
Galeria Bruno Múrias [n.º 16]  
Capinha Lopes [n.º 46]  
Galeria Baginski [n.º 51-53]  
Galeria Francisco Finc [n.º 76]

Tomaz Hipólito / Helena Boleiro  
Ateliers, galeria, residências artísticas  
Rua Afonso Annes Penada 52

Galeria Underdogs  
Rua Fernando Palha 56

Promontório  
Rua Fábrica de Material de Guerra 10

Joana Astolfi  
R. Pereira Henriques 24

Bregas  
Artistas João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira  
Calçada Dom Gastão 5A

Kunsthalle I ssahn  
Rua José Sobra 8E

Galeria Filomena Soares  
P. da Manutenção 80

Galeria Underdogs

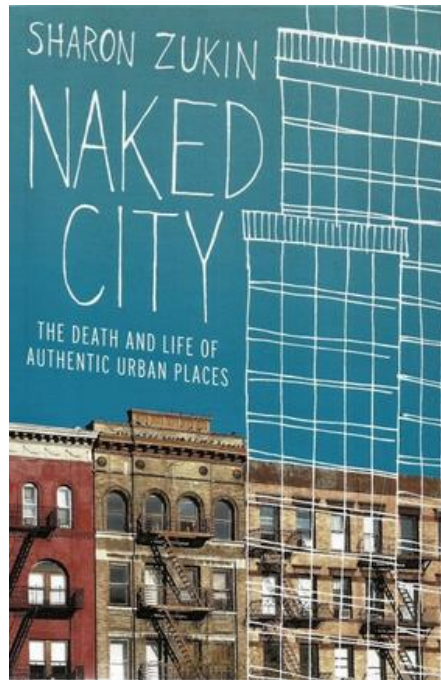


Figura 20 Galerias de arte em Marvila (colagem da autora)

O termo “*autenticidade*” é um conceito ambíguo. Representa origens em dois sentidos bastante diferentes: por um lado, uma raiz quase mítica e primordial no lugar e no tempo, por outro, uma capacidade de inovação criativa historicamente nova. Embora, no segundo sentido, a *autenticidade* quase sempre se aplique à arte de indivíduos excepcionais, ela representa, no primeiro sentido, a situação da vida de um grupo. Algo autêntico é algo que é único.

Os agentes de gentrificação em muitos dos bairros descritos por Zukin são artistas, jornalistas, músicos, *hipsters*, ou apenas jovens trabalhadores, que motivados pelo baixo preço das rendas e pela diversidade original destes bairros passam a ocupar *lofts* e antigos apartamentos para a classe operária. Este tipo de população mais jovem e com atividades geralmente relacionadas com as artes tende a dinamizar estes bairros culturalmente, característica que vai atrair, por sua vez, especuladores imobiliários. No entanto a ideia de “*autenticidade*” que inicialmente gerou este tipo de deslocamentos aliada ao “*cool lifestyle*” que estes grupos promovem passam a ser vendidos como uma experiência, de tal forma, que começam a ser fabricadas características que tentam replicar as características originais. Reclamar a autenticidade de um bairro neste caso é um fator de gentrificação:

*“Reinventing authenticity begins with creating an image to connect an aesthetic view of origins and social view of new beginnings. The new Harlem Renaissance connects the upscaling of an impoverished area of the city, long stigmatized by poverty and radical segregation, to a glorious cultural legacy. Hipster districts, on the other hand connect trendy new cultural consumption to former underworlds of traditional transgression. This image appeals to a mobile middle class in Europe as well as America, at least in areas of the city*



*Figura 21 Naked City de Sharon Zukin*

*that are no longer seen as dangerous. “yesterday a workers quarters and red-light district, today a happening place”(...)* (Zukin 2010, np)<sup>15</sup>

No entanto outro tipo de interações podem ter efeitos positivos, a *autenticidade* de bairro quando reconhecida por uma forte comunidade pode constituir um forte fator de poder para reclamar e resistir a intervenções de grande escala que iram alterar por completo as dinâmicas do bairro, destruindo a sua identidade:

*“Authenticity must be used to reshape the rights of ownership. Claiming authenticity can suggest the right to the city, a human right, that is cultivated by longtime residence, use, and habit. Just as icons – in the original, religious meaning of the word – derive their meaning from the rituals in which they are embedded, so do neighborhood, buildings, and streets... If we appreciate them as authentic, we are speaking from a distance of space and time, where we no longer participate in the routines and rituals of their origins.”* (ZUKIN 2010, np)

Em suma podemos concluir que a definição de *autenticidade* é uma questão bastante ambígua, os fatores que a socióloga encontra para caracterizar certo espaço de autentico estão fundamentalmente relacionados com as pessoas que habitam determinado espaço. Existe autenticidade quando um bairro é multicultural, por exemplo, e os seus habitantes têm praticas e características peculiares, existe autenticidade quando os espaços comerciais se mantêm abertos com as suas características originais. Mas a cidade é feita de fluxos, a chegada de uma nova dinâmica a um bairro pode parecer

---

<sup>15</sup> Zukin, S. (2010). *Naked City : The Death and Life of Authentic Urban Places* [Ebook]. New York: Oxford University Press.



ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE MARVILA  
Clube Desportivo Ferroviário de Marvila

HABITAÇÃO DE RENDA ACESSÍVEL  
Oficinas de Trabalho  
Cantina Pública Social

EDIFÍCIO DE PASSAGEM PEDONAL  
Sala de Estudo  
Residência para Estudantes

Figura 22 Planta de implantação proposta de grupo

inautêntica, mas essa substituição do velho pelo novo configura por si só autenticidade. O autêntico é por sua definição o muito novo ou muito velho, o original no sentido histórico e o original no sentido de único.

A discussão em torno da autenticidade serve assim para demonstrar mais uma vez a controvérsia envolvida na intervenção num bairro como o de Marvila. A chegada de uma nova população a este bairro como é caso dos estudantes, que propomos, configurará seguramente alterações na estrutura vigente do bairro. Bairro este, onde a especulação imobiliária já abala a permanência dos seus atuais moradores. No entanto considera-se que esses fatores negativos apenas podem ser combatidos através de regulamentação e que o investimento público proposto que visa a construção de mais habitação pública (residências estudantis e casas de renda acessível) é o tipo de investimento que menos impacto pode causar neste caso.

É inegável a peculiaridade dos espaços e habitantes de Marvila ainda que bastante heterogêneos em muito aspetos, as vilas operárias, as indústrias, o pequeno comércio, os moradores castiços que vivem ainda em dinâmica de bairro, caracterizam este território. No entanto este carece de várias intervenções. A especulação fez com que alguns moradores tivessem de se deslocar, existe falta de investimento em espaços públicos, a população é regra geral envelhecida e os hubs e cervejarias artesanais, não são de todo o tipo de estruturas que esta população mais precisa. Intervir de forma ponderada neste território parece assim um ato estreitamente ligado à definição de autenticidade descrita. O desenho dos novos espaços não pode ir de encontro aos que aqui encontramos, numa mera lógica de imitação e as dinâmicas programáticas devem ter em conta a fixação dos antigos habitantes.





## 03 | MARVILA

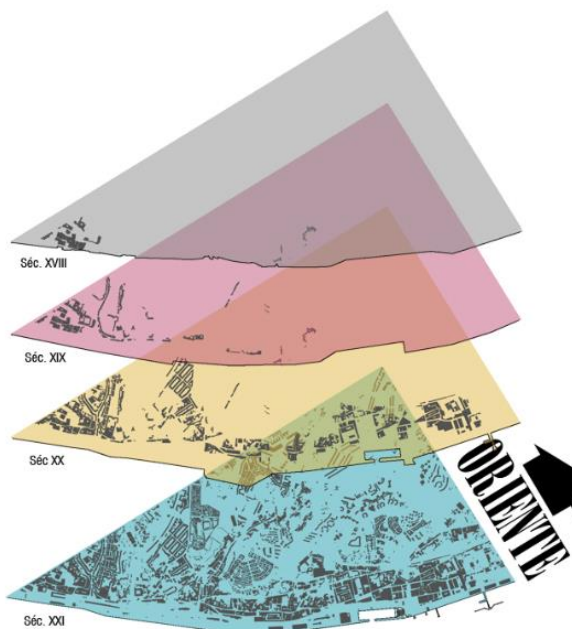


Figura 23 Crescimento da malha de Marvilha desde o séc. XVIII (esquema da autora)

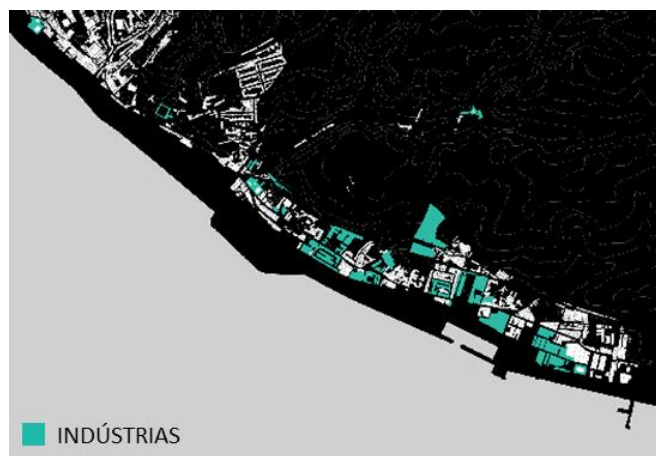


Figura 24 Mapa das indústrias no séc. XX (mapa da autora)

### 3.1 Contextualização histórica

A paisagem de Marvila é no seu conjunto, um testemunho histórico de um centro periférico ribeirinho, cuja origem e ocupação remonta ainda ao pré-histórico, sendo encontrados vestígios de posterior ocupação romana, visigótica e muçulmana.

A sua localização privilegiada junto à frente ribeirinha e relativamente perto do centro da cidade, fez com este fosse ao longo do tempo o espaço escolhido por nobres e burgueses abastados para instalarem palácios e quintas de veraneio.

Mais tarde, os mesmos fatores, somados à inauguração da linha férrea do Norte em 1856, favoreceram a instalação da atividade industrial que se estabeleceu de uma forma mais acentuada nos amplos terrenos desocupados junto ao rio.

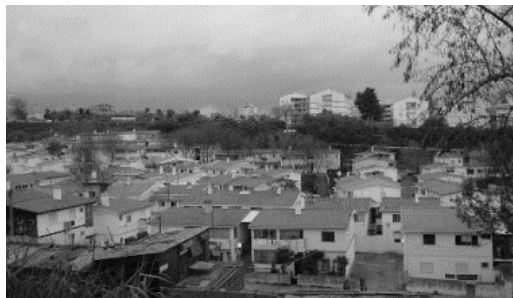
Também a expulsão das ordens religiosas em 1759, que provocaram o abandono de vários conventos nesta região, favoreceram a instalação das indústrias que se vieram instalar nestes espaços, é exemplo disto a Fabrica de Tabacos Lisbonense, antiga Fiação de Tecidos de Algodão Lisbonense, que se instalou no Convento Franciscano de Santa Maria de Jesus de Xabregas.

São inúmeras as fábricas que encontraram aqui a implantação mais conveniente. Especializadas na produção dos mais diversos produtos como: sabão, borracha, açúcar, massas, tabaco, gás, entre outros. Estas construções ainda estão muito presentes neste território, assim como todo o tipo de estruturas a si inerentes, como armazéns e vilas operárias.

Com a construção deste parque industrial, vieram os problemas que são próprios deste tipo de estrutura, este deixou de ser “o campo” nos arrabaldes da cidade para onde a nobreza e a burguesia se deslocava para fugir da confusão do centro, para passar a ser um espaço associado à agitação própria da cidade industrial: cheiros, fumos, barulhos



*Figura 25 Frames do programa Marvila - Bairros Populares de Lisboa RTP1*



*Figura 26 Bairro PRODAC*



*Figura 27 Porto de Lisboa 1890*

intensos, poluição, levaram os donos destas quintas e palácios a gradualmente abandonarem esta zona, vendendo à indústria as suas propriedades.

Esta nova indústria precisava de muita mão de obra, necessidade à qual a população de Lisboa já não era capaz de responder, este fator, aliado à pobreza extrema que se vivia nas zonas rurais, motivaram milhares de pessoas a deslocarem-se de varias zonas do país para Lisboa em busca de trabalho nestas novas industrias que floresciam. O maior problema causado por este aumento repentino da população é facilmente calculável, a falta de habitação. Assim nascem nos terrenos remanescentes às industrias e armazéns, bairros de lata para albergar estes operários.

O bairro que ficou mais celebre estava instalado nos terrenos da quinta do Marquês de Abrantes, da Salgada, dos Alfinetes e Chalé, onde nasceu aquele que viria a ser o maior bairro de lata de Lisboa, o “Bairro Chinês”. O “Bairro Chinês” acabaria por ser erradicado nos anos de 1990 e os seus habitantes realojados maioritariamente no bairro da PRODAC e em outros bairros camarários. Patrocinadas pelo patronato industrial, surgem também vilas operarias em várias zonas do bairro, destinadas à habitação, assim como a pequenos serviços, comércio e oficinas nos pisos térreos.

A zona oriental desde Xabregas até Marvila sempre foi descorada do resto da cidade, para além da industria é nesta zona onde se vai localizar a nova infraestrutura portuária que trará consigo ainda mais população. Assim se começa a densificar esta zona na tentativa de dar respostas aos problemas de habitação da classe operaria e o crescimento dá-se de forma informal, estruturado pelas preexistências de conventos e quintas e depois ao longo e divididas pelas estruturas ferroviárias.

Também no século XX seria esta zona escolhida para ser palco de experiências urbanísticas promovidas pelo Estado Novo. São exemplo os bairros de Madre de Deus e Encarnação, bairros de habitação económica com um desenho inspirados nas teorias de





*Figura 28 Bairro Madreus*



*Figura 29 Olivais Sul*



*Figura 30 Pantera cor-de-rosa - Chelas*



*Figura 31 Pavilhão de Portugal - Expo 98*

Cidade Jardim de Howard que se vieram instalar em zonas, anteriormente expropriadas por Duarte Pacheco. O desenho destes bairros previa estruturas autónomas baseadas em estruturas rurais, os planos previam espaços públicos verdes e equipamentos como igreja, escola primaria, quartel de bombeiros e mercado.

Mais tarde motivados pelos ideais modernos e a Carta de Atenas surgem também nesta zona planos para habitação social como são exemplo os bairros dos Olivais Norte e Olivais Sul. Bairros construídos em torre e em banda cuja localização dos equipamentos que serviriam todo o bairro distribuía-se pelas varias células. Já nos anos 60 surge o Plano de Chelas, um novo laboratório urbanístico e arquitetónico na crescente periferia de Lisboa. Ocupando uma área maior, o Plano de Chelas é constituído por vários polos e desenha um “master plan” no que diz respeito à reestruturação do espaço publico e vias de comunicação. Enquanto que os planos dos Olivais se destinavam à habitação para classe média, os complexos desenvolvidos no Plano de Chelas sempre tiveram o objetivo de albergar as classes mais desfavorecidas e é por isso que este bairro é estigmatizado logo desde o seu inicio.

Já nos anos 90 a zona oriental é palco de um dos maiores planos urbanos da segunda metade do século em Portugal, motivado pela exposição internacional da Expo 98, surge numa zona, anteriormente ocupada por infraestruturas industriais, um novo polo urbano servido pelos equipamentos construídos para da exposição. São então construídas a estação do Oriente e a Ponte Vasco de Gama que trariam centralidade a este espaço, que aliado à qualidade arquitetónica dos novos equipamentos e espaços públicos ali recentemente construídos, vão tornar esta zona bastante apetecível ao investimento privado de luxo e por conseguinte à ocupação por parte de uma classe alta. Este projeto configurou assim a construção de uma extensa nova parte da cidade com uma identidade própria e de certa forma desligada da sua envolvente pois é autónoma.

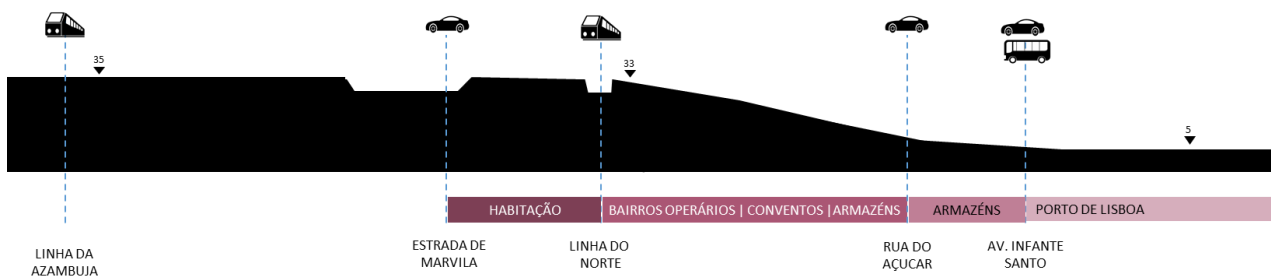


Figura 32 Gênese urbana de Marvila (esquema da autora)

### 3.2 Contextualização urbana e geográfica

*“Marvila apresenta-se ao breve olhar como um território inóspito, desconexo, descontínuo. Ao olhar semiserrado, revela-se fluida, cheia de altos e baixos, descoloridos e contrastes. (...) Marvila é um desses lugares que carregam o peso de serem periferia dentro de cidade.” (Caeiro 2007)<sup>16</sup>*

Marvila é um território amplamente fragmentado, marcado pela falta de articulações e por incoerências no que diz respeito à densidade construída. Zonas rurais, hortas urbanas, vazios e polos habitacionais desarticulados pontuam o território, assim como construções industriais abandonadas e espaços públicos não planeados. Também o desenho de duas linhas ferroviárias que atravessam por completo este território vêm acentuar estas características, pois dividem o território fisicamente o que promove a divisão social já que podemos encontrar géneses populacionais e tipo de habitação diferentes nas três distintas partes do território que estas linhas demarcam.

A primeira zona que podemos identificar delimitada a oeste pela Avenida Gago Coutinho e a este pela linha férrea da Azambuja é marcada por bairros sociais ou de custos controlados alguns de desenho e carácter experimental, mas essencialmente socialmente carenciados e ostracizados.

Delimitada a oeste pela linha da Azambuja e a este pela Linha férrea do Norte encontramos uma segunda zona de génese essencialmente habitacional ainda de menor escala no que diz respeito à altura dos edifícios.

---

<sup>16</sup> Caeiro, M. (2007). *Lisboa capital do nada - Marvila, 2001*. Lisboa: Almedina.



Prata Livings Concept - Renzo Piano

Plano Parque Hospitalar - Arq. Eduardo Souto Moura

Plano de Pormenor da Matinha - Atelier RISCO com NPK

Programa Renda Acessível - Edifícios com o uso maioritariamente habitacional.

Hub Creativo do Beato - Arq. Eduardo Souto Moura

*Figura 33 Novos Planos para Marvila (Planta da autora)*

A terceira zona que pode ser subdividida em duas se considerarmos que o porto de Lisboa configura uma diferente génese ainda que de caráter industrial, mas encerrado entre muros e vedações. Esta zona delimitada a oeste pela Linha do Norte e a este pelo Rio Tejo, pode então ser caracterizada por ter uma génese mista, constituída essencialmente por indústrias, bairros operários, armazéns e conventos.

### **3.3 Marvila atual**

Fruto da recuperação da crise económica a cidade de Lisboa está neste momento num ritmo acelerado de crescimento no que diz respeito à arquitetura, ao urbanismo e ao mercado imobiliário, em grande parte este aceleração deve-se à crescente vaga de turismo. Estas alterações não só económicas, mas também sociais ocorrem agora não só no centro urbano, mas também naqueles que são os limites deste centro como é o caso do Oriente.

A zona oriental da cidade sempre esteve fortemente ligada ao setor industrial, sendo que nas últimas décadas os espaços que estavam ligados a esta atividade tornaram-se obsoletos. Pretende-se perceber de que forma este espaço está a responder ao crescimento e com as novas atividades que aqui se começa a desenvolver têm impacto na vida social dos que atualmente habitam este espaço e na identidade do mesmo.

A pressão imobiliária faz-se sentir agora, mais que nunca, em Marvila e já são visíveis as imensas intenções tanto públicas como privadas de construir e investir neste espaço que durante tanto tempo se manteve esquecido e quase parado no tempo apesar da proximidade física ao centro da cidade e da privilegiada proximidade com o rio Tejo.



*Figura 34 Tomaz Hipólito Studio*



*Figura 35 Galeria Baginski*



*Figura 36 Coworking Todos*



*Figura 37 Atelier Inês Lobo*

As mudanças nesta área começam a surgir já na última década, quando a chamada indústria criativa, coworking, ateliers, galerias de arte, arquitetos, produtoras, entre outras, se instalaram neste território, motivadas pelos imensos espaços vazios e o baixo preço das rendas e até pela proximidade ao rio Tejo, em oposição ao que acontecia no centro da cidade, onde o mercado imobiliário começou a ficar rapidamente saturado muito devido ao turismo de habitação de luxo.

“As estratégias de ocupação são maioritariamente pouco complexas, procurando-se estruturas sólidas e incidindo os trabalhos ao nível das infraestruturas, tirando o máximo partido das características espaciais e arquitetónicas do património industrial original. Torna-se assim importante olhar a génese das movimentações que têm ocorrido, fazendo um percurso cronológico que nos leva a traçar uma sucessão de planos e ações de influência sobre esta zona. As várias intervenções, públicas e privadas, que se têm realizado marcam o território desindustrializado social, económica e urbanisticamente, o que nos leva a (re)conhecer uma nova cidade a Oriente” ( Baptista & Melâneo 2018).<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Baptista, Luís & Melâneo, Paula. (2018). Lisboa Oriental, J-A Jornal Arquitetos, Volume (257) Disponível em <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/epicentros-pos-industriais/lisboa-oriental>





*Figura 38 Prata Living Concept - Visão aérea*



*Figura 39 Prata Living Concept - Render exterior*



*Figura 40 Prata Living Concept - Render interior*

### 3.3.1 Os planos privados para Marvila

As indústrias nesta zona foram gradualmente desaparecendo e os espaços que as albergavam receberam novos ocupações e funções.

Com a Expo'98 vieram alguns planos que visavam a reabilitação desta zona ribeirinha cidade e foi então definido uma Zona de Intervenção de 350ha ao longo de 5km da frente de rio onde a exposição ocupava 50ha, mas a transformação foi tal que nesta zona a memória dos espaços industriais que aqui viviam apenas permaneceu pontualmente, quase impercetível. O Parque das Nações foi assim de grosso modo um projeto de densificação habitacional considerada de luxo e onde o objetivo de tornar este projeto um catalisador desta zona onde se pretendia um efeito de contágio nunca chegou propriamente a acontecer nos anos que se seguiram à Expo, tomando-se este um espaço de exceção em relação aos que o rodeiam.

Foram acontecido na mesma altura algumas mudanças na frente ribeirinha oriental como são exemplo a reconversão dos armazéns do Cais da Pedra e do Jardim do Tabaco assim como a deslocação da Discoteca Lux Frágil para esta zona de Santa Apolónia, pensou-se mais uma vez que estes projetos pudessem vir a mudar o panorama do território entre Santa Apolónia e o Parque das Nações mas este permaneceu um espaço de ninguém por mais alguns anos.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Agência, L. (2018). Há 20 anos abriu o Lux-Frágil, espaço que é mais do que uma discoteca de Lisboa. *Diário de Notícias*. [online] Available at: <https://www.dn.pt/cultura/ha-20-anos-abriu-o-lux-fragil-espaco-que-e-mais-do-que-uma-discoteca-de-lisboa-9925560.html> [Accessed 29 Sep. 2018].



*Figura 41 Fábrica Braço de Prata - fachada*



*Figura 42 Fábrica do Braço de Prata - Sala de concertos*

Os investimentos na zona de Poço do Bispo, e Braço de Prata apareceram também nesta altura, mas apenas por parte de investidores privados. O projeto com mais destaque foi o *Prata Living Concept*, na altura ainda designado Jardins do Braço de Prata, um projeto do renomado arquiteto italiano Renzo Piano. O plano de 1998 desenha nos terrenos da antiga Fábrica do Material de Guerra do Braço de Prata uma grande zona verde de lazer, mas essencialmente a construção em altura de habitação luxuosa. No entanto, apesar do plano original ser de 1998, as obras apenas tiveram início em 2016 por inúmeros problemas de financiamento da empresa então promotora, a Obriverca, como também problemas relacionados com licenciamentos camarários. O empreendimento é agora promovido pelo fundo fechado Lisfundo.

Os constantes adiamentos ao início das obras deste plano abriram uma janela de oportunidade para que em 2007 pela mão do filósofo Nuno Nabais surgisse um projeto de ocupação temporária de um antigo palacete do século XIX, um dos equipamentos integrantes do enorme complexo da antiga Fábrica do Material de Guerra do Braço de Prata que havia sido desocupada no âmbito do Projeto Jardins do Braço de Prata. Este palacete que albergava a administração da fábrica e que foi conservado por ser o local escolhido para instalar o Stand de vendas dos apartamentos do complexo habitacional, foi cedido temporariamente para se transformar num espaço cultural.<sup>19</sup>

Nasce assim a Fábrica do Braço de Prata, um espaço que se propunha a albergar duas livrarias, um bar, espaços de exposição assim como a promover concertos, slams de poesia, entre outras programações que atraíram a esta zona da cidade uma população mais jovem, culta, criativa e empreendedora. Foi este público que começou a ver nesta

---

<sup>19</sup> Gomes, K. (2007). Fábrica de Braço de Prata Um T13 para a cultura que já mudou a cidade. *Publico*. [online] Available at: <https://www.publico.pt/2007/10/29/jornal/fabrica-de-braco-de-prata-----um-t13-para-a-cultura-que-ja-mudou-a-cidade-235547> [Accessed 20 Aug. 2019].



*Figura 43 Fachada Tabaqueira do Poço do Bispo*



*Figura 44 Tabaqueira do Poço do Bispo - Vista aérea atual*

zona abandonada da cidade um enorme potencial não só relacionado com o legado industrial e histórico destes locais como também nos preços dos imóveis que se à época ainda se praticavam nestes bairros. Pode então considerar-se que este projeto de ocupação foi um ponto de charneira para todo o desenvolvimento que se tem dado na zona este de Marvila. Motivada pelo enorme sucesso deste espaço cultural a Câmara Municipal de Lisboa, em 2016, integra a Fábrica no Braço de Prata no teu património municipal de forma a preservar a sua utilização.

O edifício da fábrica *A Tabaqueira do Poço do Bispo* é talvez um dos mais emblemáticos da arquitetura industrial portuguesa da segunda metade do século XX e sem dúvida marca a identidade deste espaço. Trata-se de um edifício de alvenaria de tijolo aparente, com panos inseridos em estrutura de ferro também visível, com planta centralizada e um pátio interior. A original Tabaqueira de Alfredo Silva depois da construção da nova unidade em Albarraque, passa nos anos 60 para as mãos da Fábrica do Material de Guerra de Braço de Prata, com o objetivo de ali instalarem os seus serviços sociais e desportivos, situação que se manteve até ser comprada nos anos 90 pela EDP.<sup>20</sup> A EDP teve um projeto que previa a construção de um complexo habitacional e de equipamentos para este espaço, mas que acabou por não ser levado a cabo e este edifício acaba por ser comprado pela Obriverca para ser demolido e os seus terrenos integrados no projeto de Renzo Piano. No entanto a CML impôs a manutenção deste edifício, e numa entrevista ao arquiteto em 2017 este da conta da sua intenção de manter a memória deste espaço reabilitando-o agora com a função de mercado para dar apoio ao empreendimento habitacional.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Folgado, D., & Custódio, J. (1999). *Caminho do oriente* (pp. 177-180). Lisboa: Livros Horizonte.

<sup>21</sup> Almeida, M. (2017). "Espero que o Braço de Prata não seja só para pessoas especiais." *Jornal de Notícias*. [online] Available at: <https://www.dn.pt/artes/espero-que-o-braco-de-prata-nao-seja-so-para-pessoas-especiais-8556322.html> [Accessed 16 Jul. 2019].



*Figura 45 PPM - Render aéreo*



*Figura 46 PPM - Implantação*



*Figura 47 PPM - Maqueta*

Uma notícia de 2018 fala já de um projeto para a conversão deste espaço num museu da gastronomia portuguesa, um projeto de Grazia Repetto que prevê ainda uma ágora e associada a ela espaços comerciais.<sup>22</sup>

### 3.3.1 Os planos públicos para Marvila

Durante muitos anos a crise económica mundial que se manifestou com especial ênfase em Portugal sabotou o investimento público em algumas zonas da cidade de Lisboa, pode considerar-se que Marvila tenha sido um desses bairros que havia já há algum tempo sofrido com a desindustrialização e que após o grande investimento a Oriente com o Parque das Nações permaneceu esquecido.<sup>23</sup>

Em 2005 surge o Pano de Pormenor da Matinha (PPM), localizado a sul do Parque das Nações, entre a linha de caminho de ferro (linha do Norte) e o rio Tejo, este plano que tem a CML como promotora e a empresa Gesfimo como cliente, propõe-se a garantir a continuidade da cidade com o rio.

“Os principais eixos viários são a via norte-sul (nova avenida na continuação da Alameda dos Oceanos e que fará a ligação ao empreendimento a sul desenhado por Renzo Piano) e a via nascente/ poente – que cruzará a linha de caminho de ferro e ligará ao prolongamento da Avenida E.U.A. – que permitirão ligações à cidade. Os elementos principais de valorização ambiental e de caracterização do espaço público são o Parque

---

<sup>22</sup> Pincha, J. (2018). A cozinha portuguesa pode celebrar-se numa velha fábrica de tabacos. *Jornal Público*. [online] Available at: <https://www.publico.pt/2018/02/18/local/noticia/a-cozinha-portuguesa-pode-celebrarse-numa-velha-fabrica-de-tabacos-1803384> [Accessed 28 Apr. 2019].

<sup>23</sup> Baptista, Luís & Melâneo, Paula. (2018). Lisboa Oriental, J-A Jornal Arquitectos, Volume (257) Disponível em <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/epicentros-pos-industriais/lisboa-oriental>



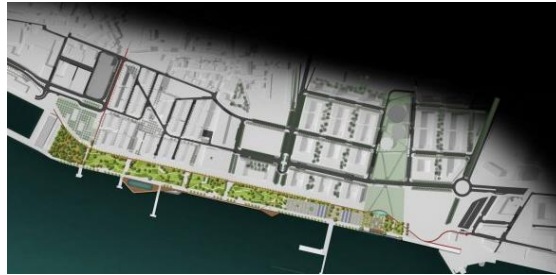


Figura 48 Parque Ribeirinho do Oriente - Planta



Figura 49 Parque Ribeirinho do Oriente - Render  
,Noturno



Figura 50 Parque Ribeirinho do Oriente - Render



Figura 51 Parque Ribeirinho do Oriente - Corte

e o Passeio Ribeirinho. O Parque é o elemento referencial da proposta e terá uma relação com o rio como nenhum outro espaço verde em Lisboa. Permitirá enquadrar, com novas funções, três gasómetros existentes e também estabelecer articulações com a área construída, fundindo todos os espaços abertos através de uma estrutura verde hierarquizada.

O Passeio Ribeirinho, prolongará para Sul o espaço público do Parque das Nações e poderá integrar os pavilhões da Administração do Porto de Lisboa, reconvertidos para funções de lazer, trazendo animação diurna e noturna. A proposta integra o desenho de quarteirões e torres residenciais, com comércio e serviços, a definição de zonas de equipamentos coletivos e o lote da futura catedral de Lisboa. A volumetria proposta no plano procura tirar o máximo partido das vistas para o rio, quer a partir dos logradouros, quer a partir de terraços, pátios, varandas e corpos balançados.”<sup>24</sup>

Este plano tem sido alvo de grande controvertia ao longo dos anos, por vários motivos que estiveram tanto relacionadas com suspeitas de favorecimento da empresa Gesfimo, empresa gerida pelo Grupo Espírito Santo (GES) sobre a Câmara de Lisboa, como também atrasos relacionados com a desaprovação por parte alguns deputados municipais que classificam os responsáveis do grupo como “felizes contemplados” e que o PPM criador de “um gueto para abastados” na freguesia de Marvila.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Risco. (2019). Retrieved 28 October 2019, from [https://www.risco.org/projects/plano-de-pormenor-da-matinha\\_38](https://www.risco.org/projects/plano-de-pormenor-da-matinha_38)

<sup>25</sup> José, J. (2019). Câmara de Lisboa acusada de beneficiar projectos imobiliários do GES. *Publico*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2015/05/04/local/noticia/camara-de-lisboa-suspeita-de-facilitar-projectos-imobiliarios-do-ges-1694238>



*Figura 52 Corredor Verde Oriental*



*Figura 53 Corredor Verde Oriental*



*Figura 54 Parque Hospitalar Oriental*

Associado ao PPM está ainda o Parque Ribeirinho do Oriente, um projeto lançado pela CML em 2015 cujo o atelier selecionado em concurso público para executar o projeto terá sido o Atelier f/c das Arquitetas paisagistas Filipa Cardoso Menezes e Catarina Assis Pacheco. As obras inerentes a este projeto iniciaram em 2018 e aguardam agora desenvolvimentos na execução dos projetos que lhe são adjacentes. O projeto prevê uma zona ajardinada que ligue o Parque das Nações a esta zona da cidade pela frente ribeirinha.<sup>26</sup>

A sul da freguesia existe outro Plano de Reabilitação Urbana (ARU) do Vale de Chelas Esse plano com cerca de 30ha e que abrange áreas das freguesias de Penha de França e Beato, vem tentar regularizar este território amplamente fragmentado onde coexistem reminiscências rurais, antigos Palácios, vilas operárias e ainda fábricas abandonadas. Nesta zona que tem como eixos principais a rua Gualdim Pais e Estrada de Chelas uma grande percentagem das habitações é de áreas mínimas e algumas não têm instalação sanitárias. Este plano propõe-se a intervir essencialmente em quatro pontos fundamentais: a regeneração da habitação, a renaturalização do Vale, a reestruturação da rede de acessibilidade e a mitigação dos impactos das infraestruturas. Este plano tem ainda como principal fim fazer a ligação ao núcleo habitacional de Chelas através do Corredor Verde Oriental do Vale de Chelas.

O projeto do Corredor Verde Oriental, cujo o projeto paisagista está a cargo do atelier NPK, relaciona-se estreitamente com um outro projeto que promete mudar o paradigma desta zona cidade, o Parque Hospitalar Oriental. O novo hospital vai nascer em três parcelas de terreno localizadas na freguesia de Marvila que, no total, ocupam uma área de 130.412 metros quadrados. O hospital, cujo projeto é da autoria do arquiteto

---

<sup>26</sup> Lobo, R. (2019). Parque Ribeirinho Oriente: obra arranca em Fevereiro. *Time Out*. Retrieved from <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/parque-ribeirinho-oriente-obra-arranca-em-fevereiro-012518>



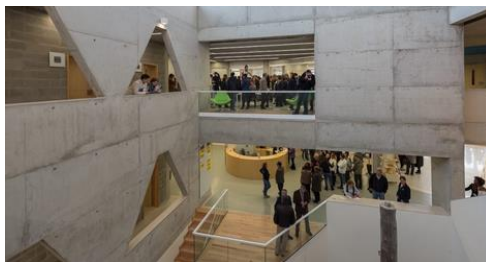
*Figura 55 Ar.Co – Pateo interior*



*Figura 56 Ar.Co - Fachada*



*Figura 57 Biblioteca de Marvila - Fachada*



*Figura 58 Biblioteca de Marvila - Interior*

Eduardo Souto Moura, terá o seu núcleo principal instalado em terrenos adquiridos pelo estado na zona adjacente à Zona J. As restantes unidades, ligadas ao ensino, investigação e eventualmente pediatria e maternidade estão previstas para as Avenidas Marechal Spínola e Dr. Augusto de Castro.<sup>27</sup>

Ainda no ARU do Vale de Chelas surgiram projetos como a Ar.Co, um projeto do arquiteto João Santa Rita, que se veio a instalar no antigo Mercado Municipal de Xabregas. Em 2013 esta instituição assinou com a CML um protocolo de cedência deste espaço e a sua concretização contou também com apoios do ministério da Cultura, da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, da Educação e do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, da Câmara Municipal de Lisboa e de mecenas privados - a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação Carmona e Costa, a Fundação Millenium-BCP e a família Soares dos Santos.<sup>28</sup>

A oeste da estação de comboios de Marvila está outro projeto publico, inaugurado em 2016, a Biblioteca de Marvila, um projeto do arquiteto Hestnes Ferreira que inclui a recuperação de um antigo edifício da Quintas das Fontes em que o arquiteto faz questão de manter o antigo lagar ali presente, preservando a memória do lugar. Este projeto, implantado num bairro com tantas carências económicas e educacionais, propõe-se a ser

---

<sup>27</sup> Simões, B. (2017). Novo hospital de Lisboa nasce em Chelas e é lançado neste Verão. *Jornal De Negócios*. Retrieved from <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/saude/detalhe/novo-hospital-de-lisboa-nasce-em-chelas-e-e-lancado-neste-verao>

<sup>28</sup> Lusa, A. (2019). Ar.Co inaugura novas instalações no antigo mercado de Xabregas em Lisboa. *Diário De Notícias*. Retrieved from <https://www.dnoticias.pt/5-sentidos/ar-co-inaugura-novas-instalacoes-no-antigo-mercado-de-xabregas-em-lisboa-JG1019748>



*Figura 59 Novo Albergue da Mitra - projeto SCML*

O projeto que demorou vinte anos a ser executado, conta com duas áreas de leitura, três salas para atividades com crianças, mesas com computadores e áreas do trabalho, entre outros espaços que têm em contas as necessidades dos seus utilizadores e que tornam este espaço um espaço partilhado, ao ponto de se ter tornado amplamente aceite e vivo dentro deste bairro por constituir efetivamente uma enorme melhoria na oferta cultural à população local.<sup>29</sup>

Outro projeto notável no que diz respeito à ação pública neste território é o Albergue da Mitra que até ao ano de 2014 está no domínio municipal, apesar de desde 2011 ser gerido pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), instituição a quem é cedida esta propriedade em 2014.

Localizado na Rua do Açúcar, adjacente ao Palácio da Mitra, os antigos armazéns da Fábrica de Cortiça, são desde o Estado Novo um espaço aos olhos dos habitantes de Lisboa sinónimo de marginalidade, por ter sido durante este período um espaço para alojar e de certa forma esconder os mendigos da cidade. É neste momento um albergue para pessoas sem casa e família ou com incapacidade de autonomia e para onde estão previstas obras por parte da SCML que prometem tornar este espaço mais aberto à comunidade e onde se poderão encontrar zona de lavandaria, creche, restauração e um espaço de encontro da população e das suas diferentes comunidade, ao serviço da regeneração urbana e inclusão social.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Belo, I. (2019). Bem-vindos à nova Biblioteca de Marvila. *Visão*. Retrieved from <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2016-12-07-Bem-vindos-a-nova-Biblioteca-de-Marvila>

<sup>30</sup> Marques, M. (2016). Biblioteca do século XXI abre em Marvila com serviços gourmet para a população. *Diário De Notícias*. Retrieved from <https://www.dn.pt/artes/biblioteca-do-seculo-xxi-abre-em-marvila-com-servicos-gourmet-para-a-populacao-5517213.html>





*Figura 60 (Nova) praça na Alameda do Beato*



*Figura 61 Convento do Beato*

oficinas o objetivo deste programa visa fazer uma integração e mistura entre as populações locais e os moradores deste espaço.<sup>31</sup>

Também o Programa “Uma Praça em cada Bairro” se faz manifestar neste território, este programa de intervenções em espaço público está integrado no conceito Lisboa Cidade de Bairros e constitui um dos Eixos do Programa para o Governo da Cidade 2013/2017. É um programa promovido pela CML, em colaboração com as 24 juntas de freguesia de Lisboa e tem objetivo de *melhorar a qualidade de vida e o ambiente do espaço público* a partir de uma praça, de uma rua, de uma zona comercial, de um jardim ou de um equipamento coletivo existente ou projetado. O programa propõe-se a organizar um ponto de encontro da comunidade local desenhando uma microcentralidade que concentre atividade e emprego, onde se privilegiem os modos suaves de locomoção, marcha a pé e bicicletas, os transportes públicos e onde o trânsito automóvel será condicionado.<sup>32</sup>

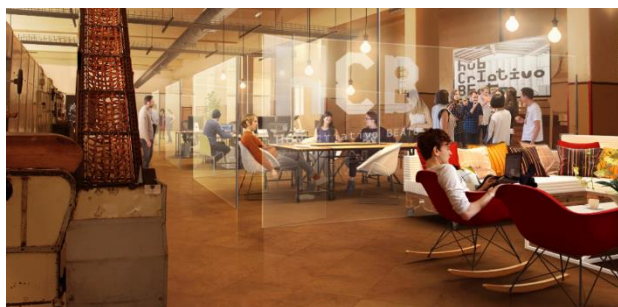
A zona selecionada nesta área de intervenção é a Alameda do Beato, uma zona de aproximadamente 6000 metros quadrados onde o principal enfoque é sobre a Travessa da Alameda do Beato onde se propõe uma repavimentação e o desenho de uma área arborizada pedonal, num local que é agora apenas uma zona de estacionamento automóvel.<sup>33</sup> A Travessa do Beato, encerrada pelo Convento do Beato, um imóvel desde 1984 classificado de interesse público e que foi recentemente vendido pela empresa Cerealis a quem pertence também a Nacional, a grupo suíço Larfa Properties, para que

---

<sup>31</sup> Soares, M. (2014). Misericórdia quer que “todos os lisboetas” passem a ir à Mitra. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2014/09/10/local/noticia/misericordia-investe-5-milhoes-de-euros-para-abrir-as-portas-da-mitra-aos-lisboetas-1669217>

<sup>32</sup> LUSA, A. (2018). Convento do Beato vendido a grupo imobiliário suíço. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2018/06/25/economia/noticia/convento-do-beato-vendido-a-grupo-imobiliario-suico-1835876>

<sup>33</sup> Sítio da Câmara Municipal de Lisboa: Alameda do Beato. (2019). Retrieved 29 October 2019, from <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico/uma-praca-em-cada-bairro/alameda-do-beato>



*Figura 62 Render Hub Criativo do Beato*



*Figura 63 Vista aérea do novo Hub Criativo do Beato*

este seja transformado num condomínio luxuoso. O projeto de urbanização é da autoria do arquiteto Tomás Salgado do Atelier Risco.<sup>34 35</sup>

Em 2016 a CML cedeu o espaço de 35 mil metros quadrados de área e com cerca de 20 edifícios, o imóvel da antiga Manutenção Militar. Este imóvel havia sido concessionado à CML pelo Exército, num período máximo de 50 anos com um custo de cerca de 7 milhões para os cofres da Câmara, que quer agora aqui instalar o **Hub Criativo do Beato**. O objetivo é instalar neste espaço empresas nacionais e internacionais e no fundo tornar este espaço dedicado ao empreendedorismo e à inovação criativa. Neste momento as empresa envolvidas no projeto são a incubadora de empresas alemã *Factory Berlin*, a *Super Bock*, a *Mercedes-Benz*, a EGEAC, a *Web Summit* e a *Startup Lisboa* entre outras ainda não confirmadas.<sup>36</sup>

A intenção da Câmara passa por garantir toda as infraestruturas para o desenvolvimento do projeto, entenda-se por isto as remodelações das áreas comuns, sendo que as obras de remodelação no interior dos espaços destinados a cada empresa estão a cargo dos investidores. Já a gestão e programação está atribuída à incubadora sem fins lucrativos fundada em 2011 pela CML, o IAPMEI e o *Montepio* para apoiar a criação de novas empresas, a *Sratup Lisboa*. A intenção é tornar este espaço num dos mais inovadores e criativos polos de Portugal e um dos mais significativos da Europa no

---

<sup>34</sup> LUSA, A. (2018). Convento do Beato vendido a grupo imobiliário suíço. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2018/06/25/economia/noticia/convento-do-beato-vendido-a-grupo-imobiliario-suico-1835876>

<sup>35</sup> Moreira, C. (2018). Nova Alameda do Beato vai ter menos carros e mais árvores. *Público*. [online] Available at: <https://www.publico.pt/2018/10/25/local/noticia/nova-alameda-beato-vai-menos-carros-arvores-1848910> [Accessed 29 Aug. 2019].

<sup>36</sup> Lusa, A. (2017). Novo polo criativo do Beato, em Lisboa, a funcionar em 2018 com primeiras empresas. *Diário De Notícias*. Retrieved from <https://www.dn.pt/lusa/novo-polo-criativo-do-beato-em-lisboa-a-funcionar-em-2018-com-primeiras-empresas-8660937.html>



*Figura 64 Render (novo) Hub Criativo do Beato*



*Figura 65 Render do novo Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática*

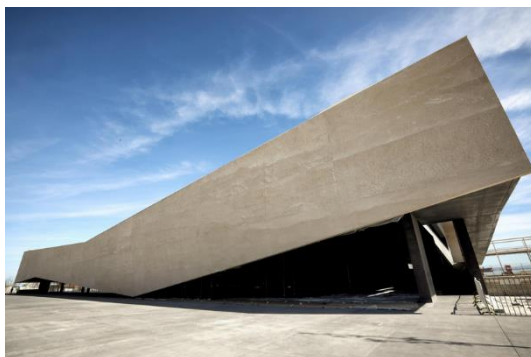
As primeiras obras de remodelação já tiveram início e será o edifício da Fábrica das massas e bolacha o primeiro polo a sofrer intervenções, o projeto de arquitetura está nas mãos dos arquitetos alemães Julian Breinerdorfer e Loescher & Boeckmann e do arquiteto português José Baganha. Ainda que ainda não muitos pormenores do projeto sejam conhecidos sabe-se que para a cobertura esta prevista uma área de lazer ajardinada acessível ao público e são também propostos espaços de restauração, auditórios e espaços de exposição, lavandaria, supermercado, creche e espaços de experimentação. Já o projeto da cervejaria da empresa *Super Bock*, um projeto que se propõe a ser multifacetado e preparado para receber os mais variados eventos, está a cargo do arquiteto Eduardo Souto Moura. Também a identidade gráfica deste espaço será tida em conta, e para isso Factory Lisbon conta com os conhecimentos da agência *Solid Dogma* do artista Vhils, um artista já há algum tempo instalado nesta zona da cidade com a sua galeria *Underdogs* no Braço de Prata.<sup>37</sup>

Esta intervenção da CML tem vários princípios nobres e de enorme interesse e impacto nesta zona da cidade, é nesse sentido que todas as declarações dadas pelos seus responsáveis e promotores vão no sentido de reforçar a vontade de fazer deste projeto um investimento coerente e atento as necessidades da cidade enquanto metrópole em crescimento, contudo tendo sempre presente as carências da população local. É por isso que inúmeras vezes é referido o desejo de tornar este um espaço aberto à comunidade e não apenas fazer dele um enorme agente gentrificador e de valorização imobiliária especulativa desta zona.

Já em 2018 o *Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática* (CNANS), ganha uma nova sede nesta zona oriental de Lisboa. O projeto realoja o atual centro que

---

<sup>37</sup> Gonçalves, C., & Melâneo, P. (2018). Lisboa Oriental. *Jornal Arquitectos*. Retrieved from <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/epicentros-pos-industriais/lisboa-oriental-2>



*Figura 66 O novo terminal de cruzeiros de Lisboa*



*Figura 67 Terminal de cruzeiros de Lisboa - projeto de João Luis Carrilho da Graça*

funciona no Mercado Abastecedor da Região de Lisboa, em Loures, para as instalações de outra fábrica do tabaco localizada no numero 37 da Rua de Xabregas.

Este projeto incluirá diversas valências, como tanques de imersão e de impregnação, dois arquivos, uma estufa seca, um laboratório, um centro de documentação, uma biblioteca, uma área administrativa, outra para investigadores e um espaço polivalente para colóquios ou exposições. O projeto é do arquiteto João Carlos dos Santos, que decide manter grande parte dos elementos arquitetónico pré-existente, como as treliças em madeira do teto à vista, as caixilharias exteriores em madeira e os gradeamentos, que serão recuperados.<sup>38</sup>

Em 2007 a abertura do **Metro de Santa Apolónia** veio trazer uma proximidade do centro da cidade a esta zona da cidade, com um impacto significativo na facilitação da entrada e saída da cidade por rio assim como a ligação á zona oriental da cidade. Por inúmeras vezes surgiram também intenções de se encerra esta estação, que recebe agora um projeto para a construção de um hotel de luxo.<sup>39</sup>

O mais recente projeto de intervenção publica nesta zona é o **Terminal de Cruzeiros**, promovido pela CML, em conjunto com a Administração do Porto de Lisboa, um projeto de João Luís Carrilho da Graça inaugurado em 2018. Implantado na base da

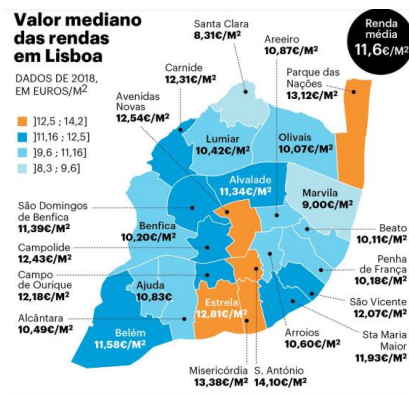
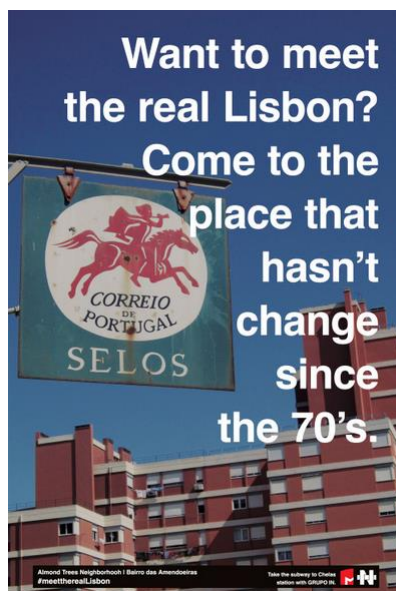
---

<sup>38</sup> Lusa, A. (2018). Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática pronto no final do ano - Governo. *Diário De Notícias*. Retrieved from <https://www.dn.pt/lusa/centro-nacional-de-arqueologia-nautica-e-subaquatica-pronto-no-final-do-ano---governo--9572914.html>

<sup>39</sup> Cristino, S. (2018). Construção de hotel na estação de Santa Apolónia poderá avançar ainda este ano. *O Corvo*. Retrieved from <https://ocorvo.pt/construcao-de-hotel-em-estacao-de-santa-apolonia-podera-avancar-ainda-este-ano/>

Cipriano, C. (2015). Santa Apolónia, que Manuel Salgado quer fechar, é a terceira estação do país. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2015/06/23/local/noticia/santa-apolonia-tem-3-milhoes-de-passageiros-por-ano-e-e-a-terceira-mais-importante-do-pais-1699802>





encosta de Alfama este projeto pretende fazer a ligação entre o centro e a parte oriental de Lisboa, pontuando aquilo que virá a ser o passeio ribeirinho do tejo.<sup>40</sup>

### 3.4 Reflexão Crítica

O desejo de intervir em Marvila, parte desde o principio da vontade de abordar os temas expostos, mesmo antes de se criar o argumento, mesmo antes de se saber os constrangimentos que tal decisão implicaria.

É claro que a escolha deste bairro pode depois ser fundamentada com o facto de ser uma das freguesias de Lisboa, onde mais terrenos expectantes existem e onde apesar de tudo as rendas para habitação continuam a ser das mais baixas do concelho, a par com a freguesia de Santa Clara. A proximidade física a faculdades com o Instituto Superior Técnico ou a Cidade Universitária, ligadas a este território pela linha ferroviária da Azambuja vai também legitimar a nossa precipitada escolha.

A cidade de Lisboa está a crescer, precisa de crescer. Porque não para oriente? Porque não de forma sustentável?

Quisemos saber que bairro era este, que tanto os *media* falavam nos últimos tempos, porque se estavam a virar os holofotes para este território, durante tantos anos esquecido e onde a imagem de precariedade ainda perdurava no imaginário comum. Que mudanças eram estas? Poderiam os estudantes fazer parte desta vaga de investimento? Que repercussões advêm deste investimento massivo? Poderiam eles fazer parte da solução?

---

<sup>40</sup> Salema, I. (2017). "Não receio que o Terminal de Cruzeiros se torne símbolo da Lisboa dos turistas". *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2017/10/06/culturaipsilon/entrevista/preocupame-a-chegada-de-turistas-mas-estou-a-tentar-ajudar-a-cidade-a-digerir-essa-avalanche-1787587>

A resposta a esta pergunta veio se a revelar mais complexa do que esperávamos, a reação de um território e população à entrada de um fator externo é difícil calcular como se perceber quando discutimos o tema da autenticidade.

Quando visitámos o território pela primeira vez, a promessa daquilo que viria um dia a ser uma grande estação ferroviária onde desembocaria a linha vinda da tão falada 3ª Travessia do Tejo, revelou-se um simples apeadeiro, o apeadeiro de Marvila. Nesse apeadeiro não se ouvia o barulho endurecedor de comboios a passar nem o burburinho típico da espera dos passageiros nas plataformas. Não descrevo um cenário deserto, havia um comboio parado no meio da linha, mas o comboio estava imóvel, mas não porque esperava a entrada de passageiros, a verdade é que aguardava a remoção da ovelha que acabava de atropelar.

Mas que lugar é este, onde a modernidade se faz anunciar pelos planos de inúmeros arquitetos renomados, e os rebanhos ainda passeiam livremente? Um lugar sinónimo de contradição.

As visões teóricas já descritas permitiram perceber que o crescimento da cidade é resultado de um processo gradual onde o tempo é um importante objeto de reflexão. Este tempo manifesta-se nas formas, na apropriação do espaço, nos fluxos e nos discursos que legitimam certos grupos, o tempo manifesta-se na autenticidade de um bairro ou cidade. Apenas uma visão informada acerca da história e processo de crescimento da cidade permite uma intervenção pertinente e consciente.

Repleto de terreno expectantes, Marvila pode e está já a ser o espaço escolhido para uma expansão da cidade de Lisboa onde existe neste momento uma forte carência de habitação. A intervenção proposta vem no sentido de não só criar novas habitações como também resolver os enormes problemas de desfragmentação do território. No nosso ponto de vista, não é possível um crescimento alienado dos problemas deste território.

Os maiores problemas identificados em Marvila estão relacionados com a falta de espaço público, mobilidade, e falta de habitação fruto do fenómeno de gentrificação que se tem intensificado nos últimos anos. São então estes os elementos que o desenvolvimento projetual tentou colmatar.

## Fontes

## Referências bibliográficas

Asher, F. (1939). *Metapolis ou l'avenir des villes*. Paris: Editions Odile Jacob.

Augé, M. (2016). *Não Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade* (p. 69). Lisboa: Letra Livre.

Caeiro, M. (2007). *Lisboa capital do nada - Marvila, 2001*. Lisboa: Almedina.

Castells, D. (1997). *La Sociedad Red, La era de la información: economía, sociedad y cultura* (8th ed.). Madrid: Alianza Editorial.

Choay, F. (1969). *The Modern City: Planning in the 19th century*. Londres: Studio Vista.

Folgado, D., & Custódio, J. (1999). *Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial*. Lisboa: Edição Livros Horizonte.

Glass, R. (1964). *London: aspects of change. Edited by the Centre for Urban Studies. [By] Ruth Glass [and others], etc.* London: Macgibbon & Kee.

Halbwachs, M. (1990). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vertice.

Harvey, D. (1906). *The Condition of Postmodernity An Enquiry into the Origins of Cultural Change*. Oxford: Blackwell.

- Lefebvre, H. (2013). *La produccion del espácio*. Madrid: Capitán Swing.
- Montaner, J. (2019). A MODERNIDADE SUPERADA Ensaio sobre arquitetura contemporânea. Barcelona: G. Gili, Ltda.
- Muñoz, F. (2002). *The Multiplied City. Metropolis of Territoriants* (pp. 75–109). Venezia: Universitario di Architettura di Venezia.
- Sassen, S. (1991). *The Global City*. Princeton: Princeton University Press.
- Smith, N., & Williams, P. (1986). *Alternatives to orthodoxy: invitation to a debate*. In *Gentrification of the City* (pp. 1–10). London: Allen & Unwin.
- Soja, E. (2000). *Post-metropolis. Critical Studies of Cities and Regions*. London: Blackwell.
- Zukin, S. (1989). *Loft Living: Culture and Capital in Urban Change*. New York: Rutgers University Press.
- Zukin, S. (2010). *Naked City : The Death and Life of Authentic Urban Places* [Ebook]. New York: Oxford University Press.
- Zukin, S. (1996). *Paisagens Urbanas Pós-modernas: mapeando cultura e poder* (pp. 204-219). Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

## Webgrafia

Agência, L. (2018). Há 20 anos abriu o Lux-Frágil, espaço que é mais do que uma discoteca de Lisboa. *Diário De Notícias*. Retrieved from <https://www.dn.pt/cultura/ha-20-anos-abriu-o-lux-fragil-espaco-que-e-mais-do-que-uma-discoteca-de-lisboa-9925560.html>

Almeida, M. (2017). "Espero que o Braço de Prata não seja só para pessoas especiais". *Jornal De Notícias*. Retrieved from <https://www.dn.pt/artes/espero-que-o-braco-de-prata-nao-seja-so-para-pessoas-especiais-8556322.html>

Barbosa, M. (2017). Primeiros moradores do Hub do Beato mudam-se até fim de 2018. *ECO*. Retrieved from <https://eco.sapo.pt/2017/07/24/primeiros-moradores-do-hub-do-beato-mudam-se-ate-fim-de-2018/>

Belo, I. (2019). Bem-vindos à nova Biblioteca de Marvila. *Visão*. Retrieved from <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2016-12-07-Bem-vindos-a-nova-Biblioteca-de-Marvila>

Cerejo, J. (2019). Câmara de Lisboa acusada de beneficiar projectos imobiliários do GES. *Jornal Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2015/05/04/local/noticia/camara-de-lisboa-suspeita-de-facilitar-projectos-imobiliarios-do-ges-1694238>

Cipriano, C. (2015). Santa Apolónia, que Manuel Salgado quer fechar, é a terceira estação do país. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2015/06/23/local/noticia/santa->

apolonia-tem-3-milhoes-de-passageiros-por-ano-e-e-a-terceira-mais-importante-do-pais-1699802

Cristino, S. (2018). Construção de hotel na estação de Santa Apolónia poderá avançar ainda este ano. *O Corvo*. Retrieved from <https://ocorvo.pt/construcao-de-hotel-em-estacao-de-santa-apolonia-podera-avancar-ainda-este-ano/>

Fracalossi, I. (2019). Terrain Vague / Ignasi de Solà-Morales. Retrieved 23 August 2019, from <https://www.archdaily.com.br/br/01-35561/terrain-vague-ignasi-de-sola-morales>

Gomes, K. (2007). Fábrica de Braço de Prata Um T13 para a cultura que já mudou a cidade. *Publico*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2007/10/29/jornal/fabrica-de-braco-de-prata----um-t13-para-a-cultura-que-ja-mudou-a-cidade-235547>

Gonçalves, C., & Melâneo, P. (2018). Lisboa Oriental. *Jornal Arquitectos*. Retrieved from <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/epicentros-pos-industriais/lisboa-oriental-2>

José, J. (2019). Câmara de Lisboa acusada de beneficiar projectos imobiliários do GES. *Publico*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2015/05/04/local/noticia/camara-de-lisboa-suspeita-de-facilitar-projectos-imobiliarios-do-ges-1694238>

Lobo, R. (2019). Parque Ribeirinho Oriente: obra arranca em Fevereiro. *Time Out*. Retrieved from <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/parque-ribeirinho-oriental-obra-arranca-em-fevereiro-012518>



Lusa, A. (2018). Convento do Beato vendido a grupo imobiliário suíço. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2018/06/25/economia/noticia/convento-do-beato-vendido-a-grupo-imobiliario-suico-1835876>

Lusa, A. (2019). Ar.Co inaugura novas instalações no antigo mercado de Xabregas em Lisboa. *Diário De Notícias*. Retrieved from <https://www.dnoticias.pt/5-sentidos/ar-co-inaugura-novas-instalacoes-no-antigo-mercado-de-xabregas-em-lisboa-JG1019748>

Lusa, A. (2017). Novo polo criativo do Beato, em Lisboa, a funcionar em 2018 com primeiras empresas. *Diário De Notícias*. Retrieved from <https://www.dn.pt/lusa/novo-polo-criativo-do-beato-em-lisboa-a-funcionar-em-2018-com-primeiras-empresas-8660937.html>

Lusa, A. (2018). Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática pronto no final do ano - Governo. *Diário De Notícias*. Retrieved from <https://www.dn.pt/lusa/centro-nacional-de-arqueologia-nautica-e-subaquatica-pronto-no-final-do-ano---governo--9572914.html>

Marques, M. (2016). Biblioteca do século XXI abre em Marvila com serviços gourmet para a população. *Diário De Notícias*. Retrieved from <https://www.dn.pt/artes/biblioteca-do-seculo-xxi-abre-em-marvila-com-servicos-gourmet-para-a-populacao-5517213.html>

Moreira, C. (2018). Nova Alameda do Beato vai ter menos carros e mais árvores. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2018/10/25/local/noticia/nova-alameda-beato-vai-menos-carros-arvores-1848910>

Pincha, J. (2018). A cozinha portuguesa pode celebrar-se numa velha fábrica de tabacos. *Jornal Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2018/02/18/local/noticia/a-cozinha-portuguesa-pode-celebrarse-numa-velha-fabrica-de-tabacos-1803384>

Risco. (2019). Retrieved 28 October 2019, from [https://www.risco.org/projects/plano-de-pormenor-da-matinha\\_38](https://www.risco.org/projects/plano-de-pormenor-da-matinha_38)

Simões, B. (2017). Novo hospital de Lisboa nasce em Chelas e é lançado neste Verão. *Jornal De Negócios*. Retrieved from <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/saude/detalhe/novo-hospital-de-lisboa-nasce-em-chelas-e-e-lancado-neste-verao>

Salema, I. (2017). "Não receio que o Terminal de Cruzeiros se torne símbolo da Lisboa dos turistas". *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2017/10/06/culturaipsilon/entrevista/preocupame-a-chegada-de-turistas-mas-estou-a-tentar-ajudar-a-cidade-a-digerir-essa-avalanche-1787587>

Soares, M. (2014). Misericórdia quer que "todos os lisboetas" passem a ir à Mitra. *Público*. Retrieved from <https://www.publico.pt/2014/09/10/local/noticia/misericordia-investe-5-milhoes-de-euros-para-abrir-as-portas-da-mitra-aos-lisboetas-1669217>

Sítio da Câmara Municipal de Lisboa: Alameda do Beato. (2019). Retrieved 29 October 2019, from <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico/uma-praca-em-cada-bairro/alameda-do-beato>

## Índice de Figuras e Créditos

**Figura 1** Citroën, P. (1923). *Metrópolis* [Image]. Retrieved from <https://www.moma.org/interactives/objectphoto/objects/83984.html>

**Figura 2** Lefebvre, H. (1968). *Ilustração da capa de "Le droit à la ville"* [Image]. Retrieved from <https://conversations.e-flux.com/t/who-is-the-city-for-revisiting-lefebvres-right-to-the-city/7318>

**Figura 3** Lefebvre, H. (1974). *Ilustração da capa de "La producción del espacio"* [Image]. Retrieved from <https://capitanswing.com/libros/la-produccion-del-espacio/>

**Figura 4** Fotografia da autora. (2019). *Mulher lava os tapetes no espaço público em Marvila, Portugal*.

**Figura 5** Fotografia da autora. (2019). *O pátio da vila enquanto extensão da casa, Marvila, Portugal*.

**Figura 6** Fotografia da autora. (2019). *Hortas urbanas, Marvila, Portugal*.

**Figura 7** Google Earth. (2018). *Vista aérea do Nó Rodoviário Vale de Chelas* [Image]. Retrieved from <https://www.google.com/intl/pt-PT/earth/>

**Figura 8** Fotografia da autora. (2019). *Apeadeiro de Marvila, Portugal*.

**Figura 9** Fotografia da autora. (2019). *Apeadeiro de Marvila, Portugal*.

**Figura 10** *Apeadeiro de Marvila após a intervenção de LS em "Muro-Festival de Arte Urbana"*. (2018). [Image]. Retrieved from <http://www.ippatrimonio.pt/centro-de-imprensa/intervencao-de-arte-urbana-no-apeadeiro-de-marvila>

- Figura 11** Esquema da autora. (2019). *Mapa de vazios das Freguesias de Marvila e Beato.*
- Figura 12** Fotografia da autora. (2019). *Descampado utilizado como horta urbana, junto à estação de Marvila, Portugal.*
- Figura 13** Fotografia da autora. (2019). *Terreno da antiga “Sociedade Nacional de Sabões” (SNS) demolida nos anos 90.*
- Figura 14** Fotografia da autora. (2019). *Espaços de intervenção.*
- Figura 15** Colagem da autora. (2019). *Representação da proposta de grupo.*
- Figura 16** GNV URBAN ART. (2019). *La Muerte del Barrio” de MTO - Miami* [Image]. Retrieved from [https://gnvurbanart.com/mto\\_mural\\_florida/](https://gnvurbanart.com/mto_mural_florida/)
- Figura 17** Colagem da autora. (2019). *Os novos projetos para Marvila vs. os seus atuais habitantes.*
- Figura 18** Colagem da autora. (2019). *Os novos projetos para Marvila vs. os seus atuais habitantes.*
- Figura 19** Colagem da autora. (2019). *“Marvila está na moda”.*
- Figura 20** Colagem da autora. (2019). *Galerias de arte em Marvila.*
- Figura 21** Zukin, S. (2009). *Capa do livro “Naked City”* [Image]. Retrieved from <https://tiendateatral.com/artes-plasticas/2059-naked-city.html>
- Figura 22** Planta da autora. (2019). *Planta de Implantação Proposta de Grupo.*
- Figura 23** Esquema da autora. (2019). *Crescimento da malha de Marvilha desde o séc. XVIII .*
- Figura 24** Mapa da autora. (2019). *Mapa das industrias no séc. XX.*

**Figura 25** Cecília, M., & Ramos, C. (1990). Frames do programa Marvila - Bairros Populares de Lisboa RTP1 [Image]. Retrieved from <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/marvila/>

**Figura 26** Jornal da Construção. (2017). *Fotografia do bairro PRODAC* [Image]. Retrieved from <http://www.jornaldaconstrucao.pt/index.php?id=6&n=5675>

**Figura 27** *Fotografia das obras no Porto de Lisboa*. (1890). [Image]. Retrieved from <https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/as-obras-do-porto-de-lisboa-1887-1909-8452>

**Figura 28** De Oliveira, M. (1955). *Vista aérea do B.ª da Madre de Deus a Alvalade, Lisboa* [Image]. Retrieved from <https://biclaranja.blogs.sapo.pt/702260.html>

**Figura 29** Olivais Sul [Image]. Retrieved from <http://maislisboa.fcsh.unl.pt/olivais-sul-um-bairro-de-proximidades/>

**Figura 30** Braga, Joana. *Fotografia da Pantera Cor-de-Rosa, Chelas* [Image]. Retrieved from <https://topiasurbanas.wordpress.com/lugares-potencia/>

**Figura 31** Pavilhão de Portugal - Expo 98 [Image]. Retrieved from <https://en.wikiarquitectura.com/building/portuguese-pavilion-expo-98/>

**Figura 32** Esquema da autora. (2019). *Génese urbana de Marvila*.

**Figura 33** Planta da autora. (2019). *Novos Planos para Marvila*.

**Figura 34** Oriente. (2018). *Fotografia do Tomaz Hipólito Studio* [Image]. Retrieved from <https://www.orientre.pt/cultura/tomaz-hipolito-studio-casa-galeria-arte/>

**Figura 35** Oriente. (2018). *Fotografia da Galeria Baginski* [Image]. Retrieved from <https://www.orientre.pt/marvila/vizinhar-com-galeria-baginski/>

**Figura 36** Santos, F. (2018). *Fotografia de Cowork Todos* [Image]. Retrieved from <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/coisas-para-fazer/cowork-todos>

**Figura 37** Finotti, L. (2018). *Fotografia de Casa Atelier de Inês Lobo* [Image]. Retrieved from <http://www.ilobo.pt/Casa%20Atelier.htm>

**Figura 38** Century 21. (2017). *Vista aérea de Prata Living Concept* [Image]. Retrieved from <https://www.diarioimobiliario.pt/Habitacao/Prata-Living-Concept-vem-revolucionar-a-Lisboa-Oriental>

**Figura 39** JLL. *Render exterior de apartamento do Prata Living Concept* [Image]. Retrieved from <https://residencial.jll.pt/imovel/apartamento-t3-com-vista-frontal-de-rio-no-prata-living-concept-lisboa-45001/?rid=8654920#.XbcFgdXgrIU>

**Figura 40** Imovirtual. *Render interior de apartamento do Prata Living Concept* [Image]. Retrieved from <https://www.imovirtual.com/anuncio/apartamento-t2-com-vista-rio-no-prata-living-concept-IDMA80.html>

**Figura 41** Facebook da Fábrica Braço de Prata. (2012). *Fotografia da fachada da Fábrica do Braço de Prata* [Image]. Retrieved from <http://maislisboa.fcsh.unl.pt/fabrica-braco-de-prata-para-lisboa-ilegalmente/>

**Figura 42** Ferreira Santos, N. (2018). *Fotografia da Sala de concertos da Fábrica do Braço de Prata* [Image]. Retrieved from <https://www.publico.pt/2018/01/07/local/noticia/fabrica-de-braco-de-prata-esta-bomba-nao-rebentara-1797499>

**Figura 43** Caminho do Oriente. (2017). *Fachada de "A Tabaqueira" do Poço do Bispo* [Image]. Retrieved from [http://aps-](http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.com/2017/08/rua-alfredo-da-silva-xix.html)

[ruasdelisboacomhistoria.blogspot.com/2017/08/rua-alfredo-da-silva-xix.html](http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.com/2017/08/rua-alfredo-da-silva-xix.html)

**Figura 44** 1825 Studio. (2003). *Vista aérea atual de "A Tabaqueira" do Poço do Bispo* [Image]. Retrieved from <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/epicentros-pos-industriais/lisboa-oriental-2>

**Figura 45** 1825 Studio. (2015). *Render aéreo do PPM* [Image]. Retrieved from [http://www.1825.pt/1825\\_No553-NPK](http://www.1825.pt/1825_No553-NPK)

**Figura 46** Risco. (2011). *Planta de Implantação do PPM* [Image]. Retrieved from [https://www.risco.org/projects/plano-de-pormenor-da-matinha\\_38](https://www.risco.org/projects/plano-de-pormenor-da-matinha_38)

**Figura 47** Risco. (2011). *Maqueta do PPM* [Image]. Retrieved from [https://www.risco.org/projects/plano-de-pormenor-da-matinha\\_38](https://www.risco.org/projects/plano-de-pormenor-da-matinha_38)

**Figura 48** Apload. (2015). *Planta do Parque Ribeirinho do Oriente* [Image]. Retrieved from <http://www.apload.pt/index.php?id=parque-ribeirinho-do-oriente-lisboa&lang=pt>

**Figura 49** Apload. (2015). *Render Noturno do Parque Ribeirinho do Oriente* [Image]. Retrieved from <http://www.apload.pt/index.php?id=parque-ribeirinho-do-oriente-lisboa&lang=pt>

**Figura 50** Apload. (2015). *Render do Parque Ribeirinho do Oriente* [Image]. Retrieved from <http://www.apload.pt/index.php?id=parque-ribeirinho-do-oriente-lisboa&lang=pt>

**Figura 51** Apload. (2015). *Corte do Parque Ribeirinho do Oriente* [Image]. Retrieved from <http://www.apload.pt/index.php?id=parque-ribeirinho-do-oriente-lisboa&lang=pt>

**Figura 52** De Campos, F. (2011). *Corredor Verde Oriental* [Image]. Retrieved from <http://lx-projectos.blogspot.com/2011/12/plano-de-pormenor-do-parque-hospitalar.html>

**Figura 53** De Campos, F. (2011). *Corredor Verde Oriental* [Image]. Retrieved from <http://lx-projectos.blogspot.com/2011/12/plano-de-pormenor-do-parque-hospitalar.html>

**Figura 54** Afaconsult. (2013). *Render do Parque Hospitalar Oriental* [Image]. Retrieved from <http://www.afaconsult.com/portfolio/313311/92/hospital-de-lisboa-oriental>

**Figura 55** Martinho, N. (2017). *Fotografia do pátio Interior do Ar.Co* [Image]. Retrieved from <http://xabregas-novas-instalacoes.arco.pt/>

**Figura 56** Martinho, N. (2017). *Fotografia da fachada do Ar.Co* [Image]. Retrieved from <http://xabregas-novas-instalacoes.arco.pt/>

**Figura 57** Alemão, S. (2016). *Fotografia da fachada da Biblioteca de Marvila* [Image]. Retrieved from <https://ocorvo.pt/biblioteca-de-marvila-fortalece-coesao-do-bairro-e-mantem-legado-de-gomes-ferreira/>

**Figura 58** Câmara Municipal de Lisboa. (2016). *Fotografia do Interior da Biblioteca de Marvila* [Image]. Retrieved from <https://gerador.eu/muro-festival-biblioteca-marvila/>

**Figura 59** ECO & SCML (2017) Novo Albergue da Mitra - projeto SCML [Image]. Retrieved from <https://eco.sapo.pt/2017/03/03/vai-nascer-em-lisboa-um-polo-de-inovacao-social/>

**Figura 60** Atelier Orgânica Arquitectura (2017) Nova praça na Alameda do Beato [Image]. Retrieved from <https://www.publico.pt/2018/10/25/local/noticia/nova-alameda-beato-vai-menos-carros-arvores-1848910>



**Figura 61** DV (2018). *Convento do Beato* [Image]. Retrieved from <https://www.dinheirovivo.pt/economia/convento-do-beato-e-comprado-por-grupo-suico/>

**Figura 62** André, M (2017) *Render Hub Criativo do Beato* [Image]. Retrieved from <https://shifter.sapo.pt/2017/07/hub-criativo-do-beato/>

**Figura 63** Peixoto, A (2019) *Vista aérea do novo Hub Criativo do Beato* [Image]. Retrieved from <https://observador.pt/2019/06/04/startup-lisboa-procura-projetos-para-residencias-partilhadas-no-hub-criativo-do-beato/>

**Figura 64** Hubcriativobeato (2018) *Render (novo) Hub Criativo do Beato* [Image]. Retrieved from <https://www.hubcriativobeato.com/#cBJOxtGRad>

**Figura 65** Santos, J C (2018) *Render do novo Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática* [Image]. Retrieved from <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/pela-primeira-vez-vamos-poder-conhecer-o-espolio-do-centro-nacional-de-arqueologia-nautica-e-subaquatica-071018>

**Figura 66** Rocha, D (2017) *O novo terminal de cruzeiros de Lisboa* [Image]. Retrieved from <https://www.publico.pt/2017/11/10/local/noticia/novo-terminal-de-cruzeiros-de-lisboa-inaugurado-hoje-meses-depois-do-previsto-1792048#&gid=1&pid=1>

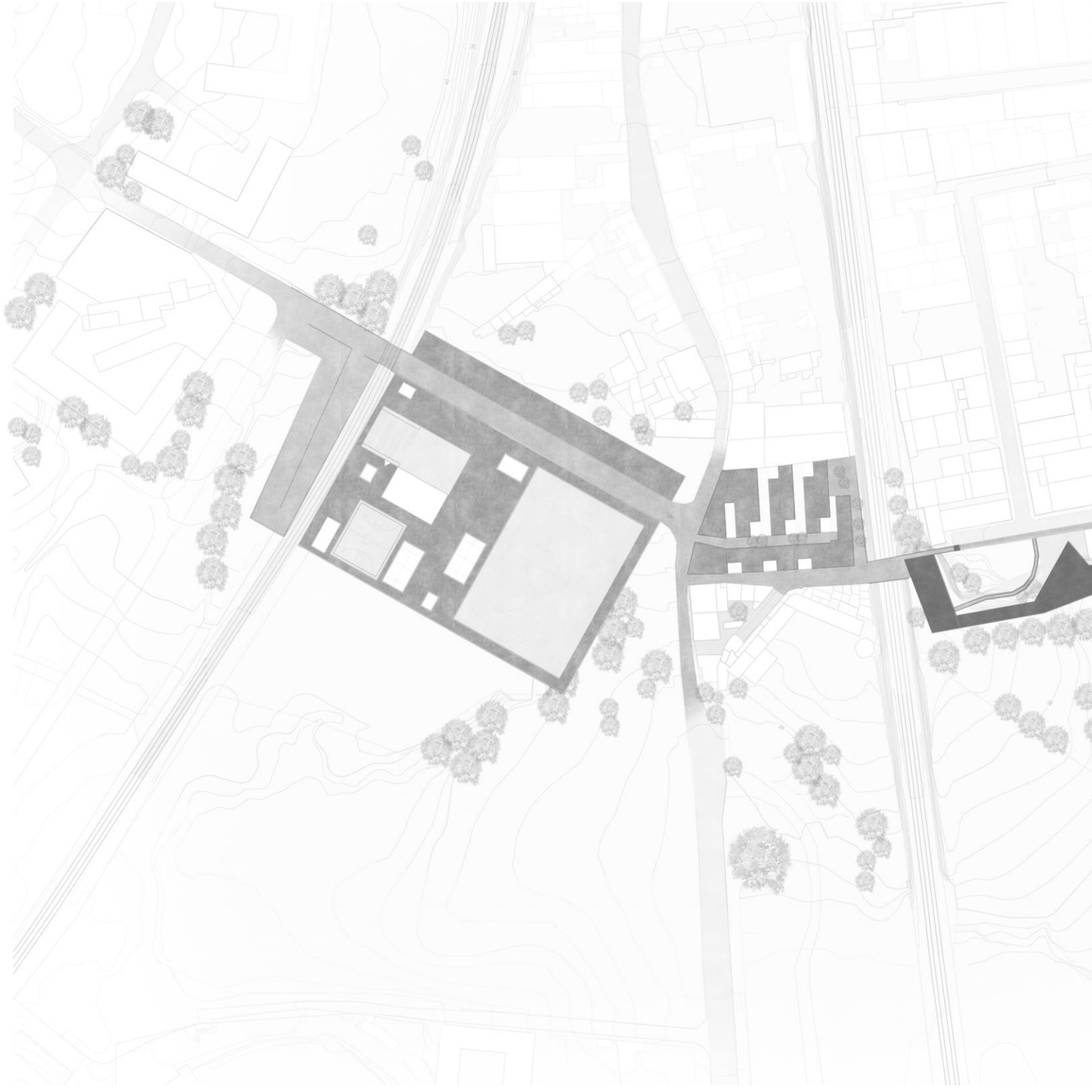
**Figura 67** CML (2017) *Terminal de cruzeiros de Lisboa - projeto de João Luis Carrilho da Graça* [Image]. Retrieved from <http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/lisboa-tem-um-novo-terminal-de-cruzeiros>







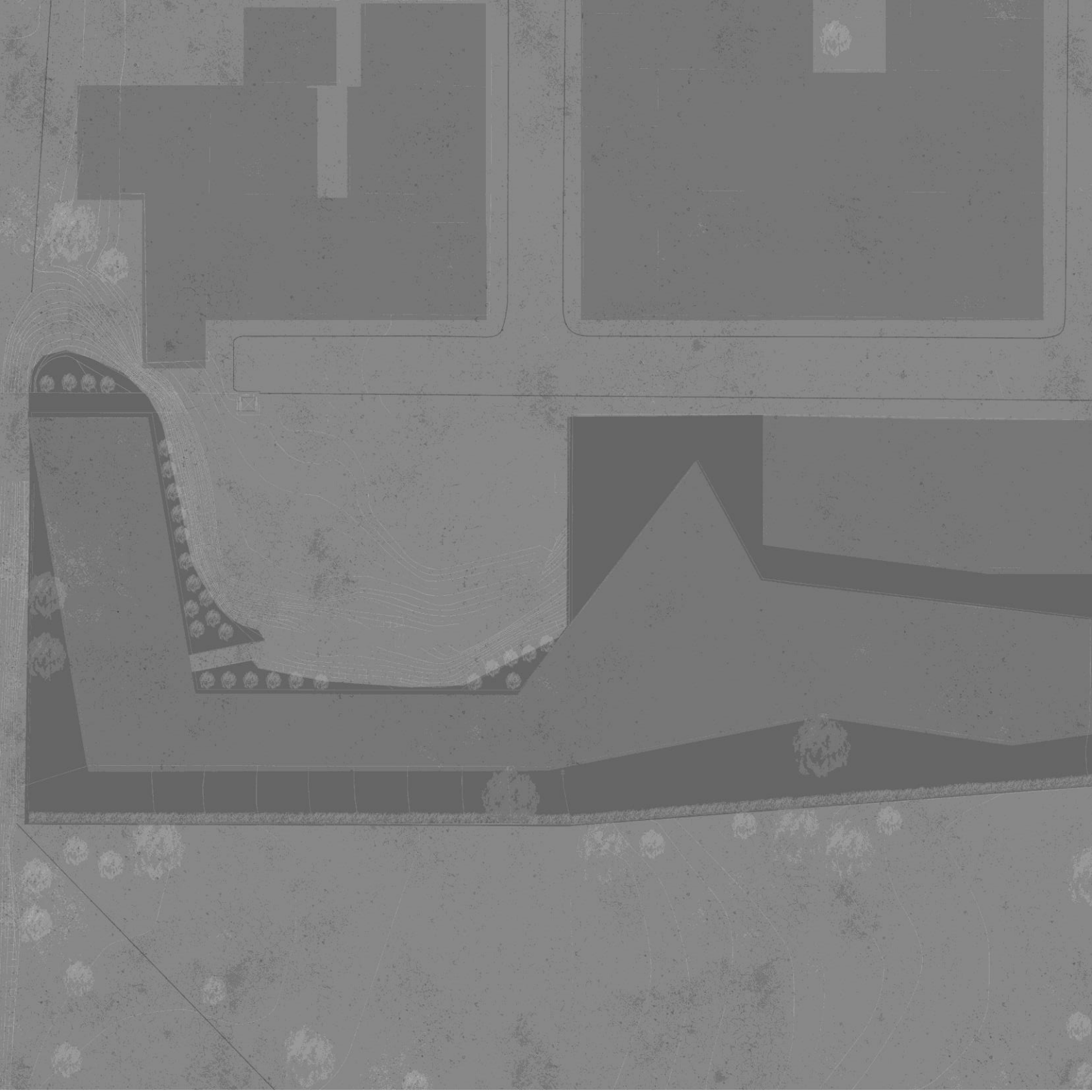
## VERTENTE PRÁTICA





0 10 25 m

PLANTA LOCALIZAÇÃO

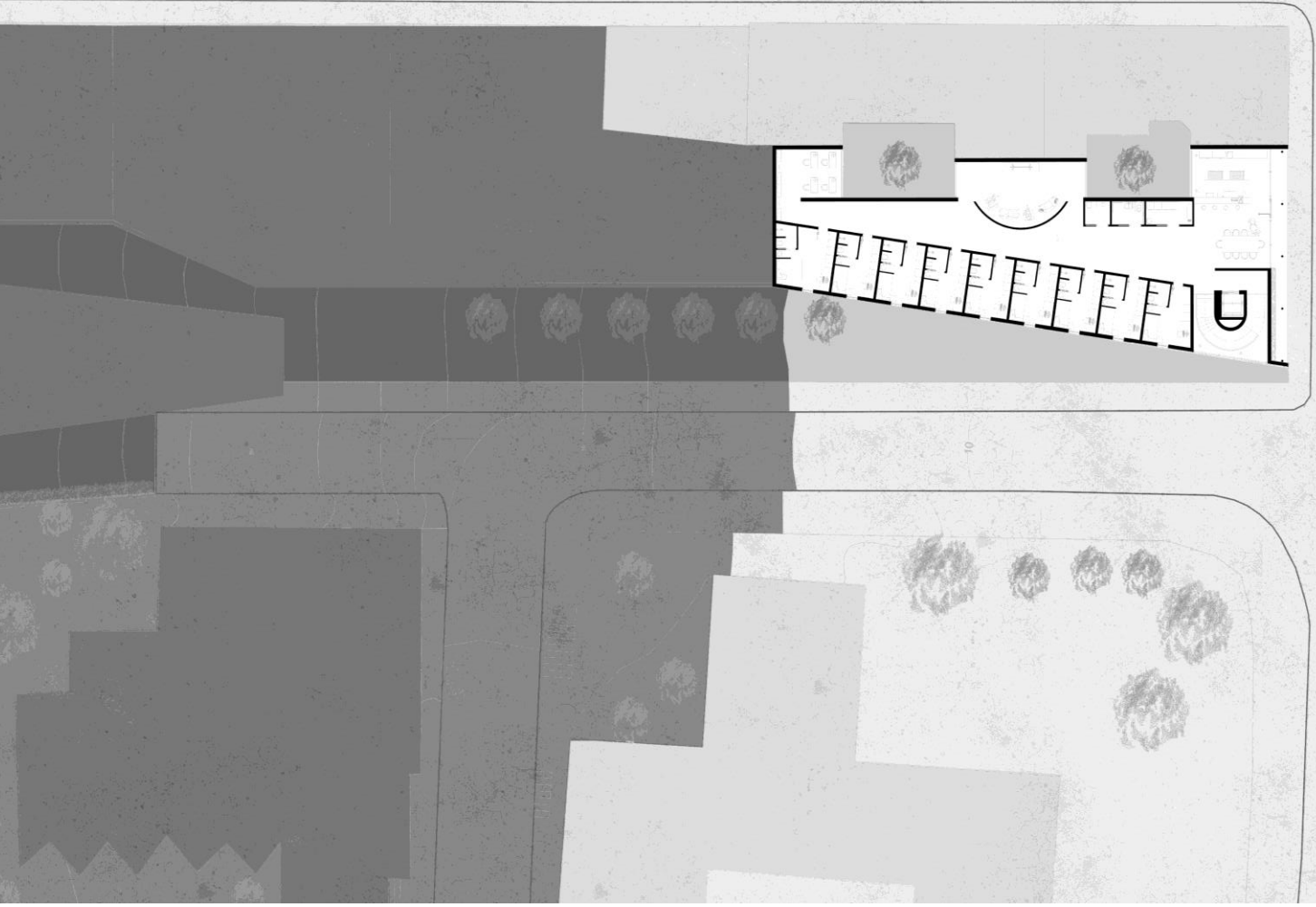




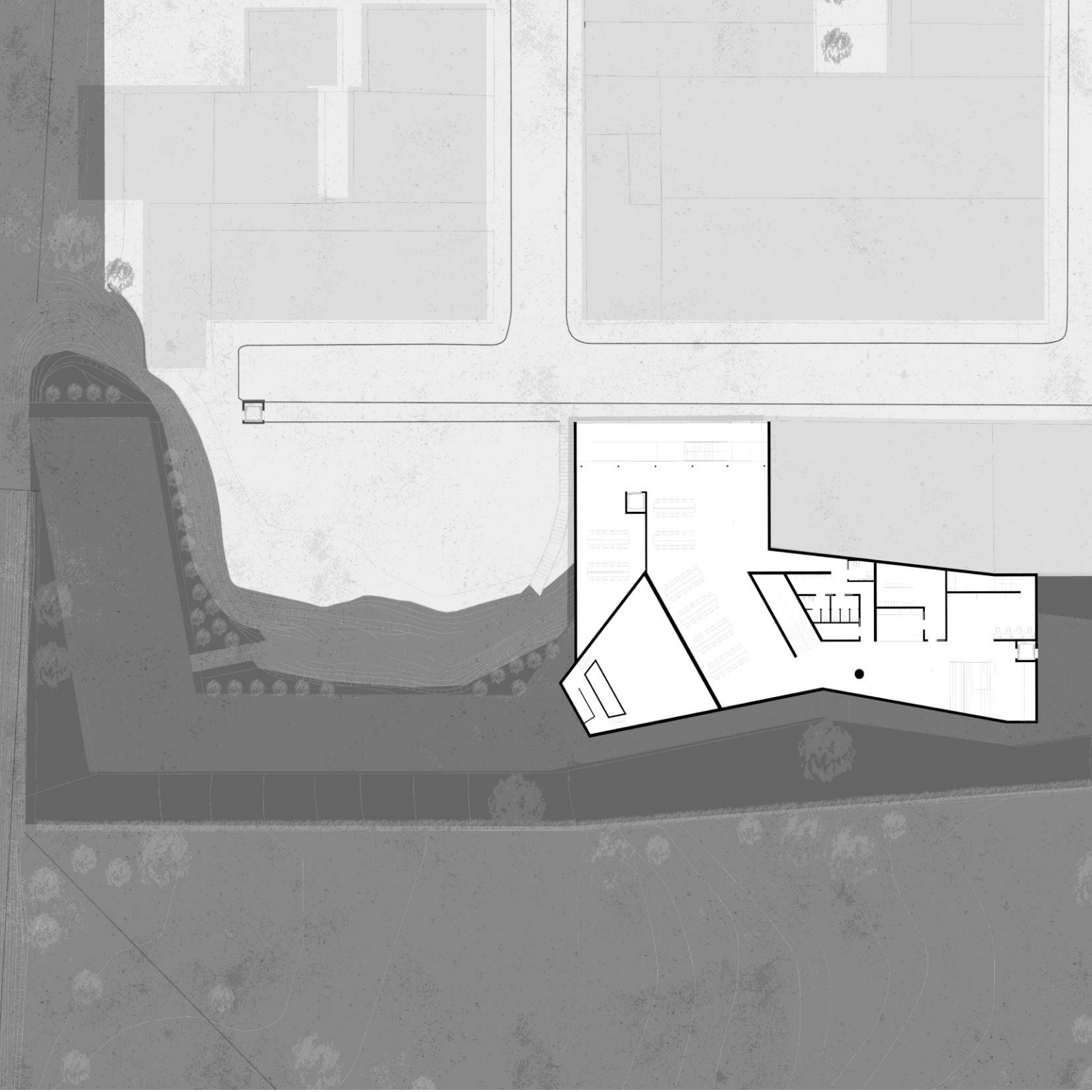
0 2 5 m PLANTA COTA 9





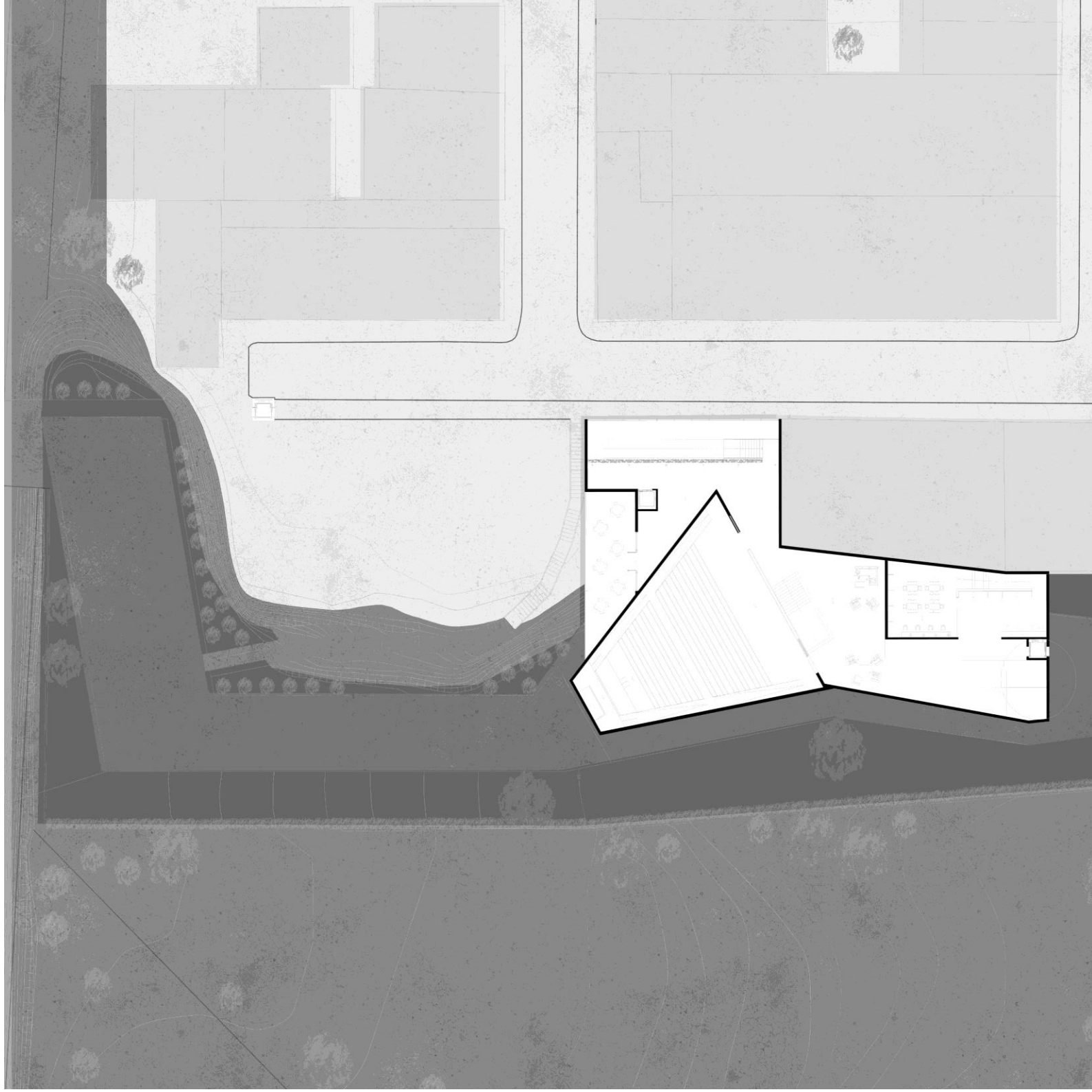


0 2 5 m PLANTA COTA 12





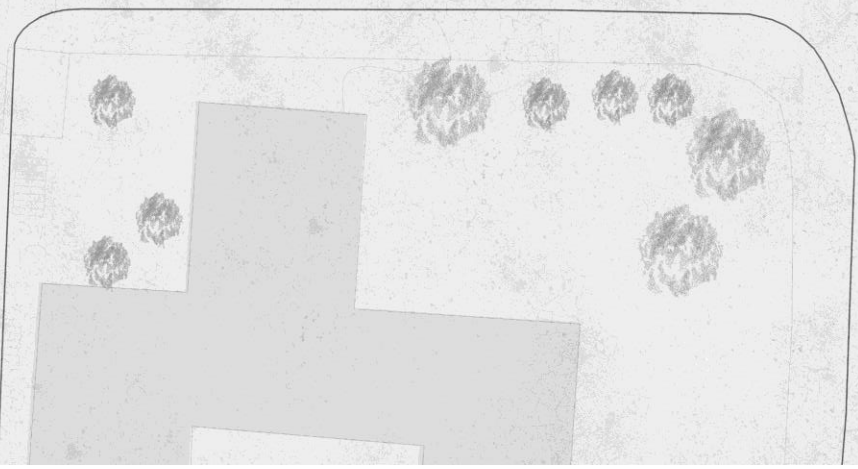
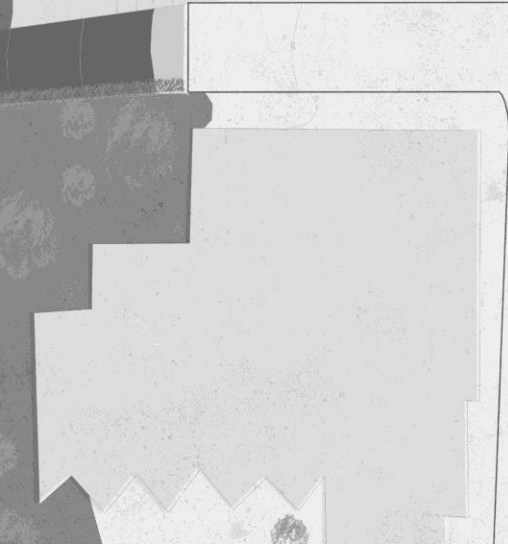
0 0.2 5 m PLANTA COTA 17

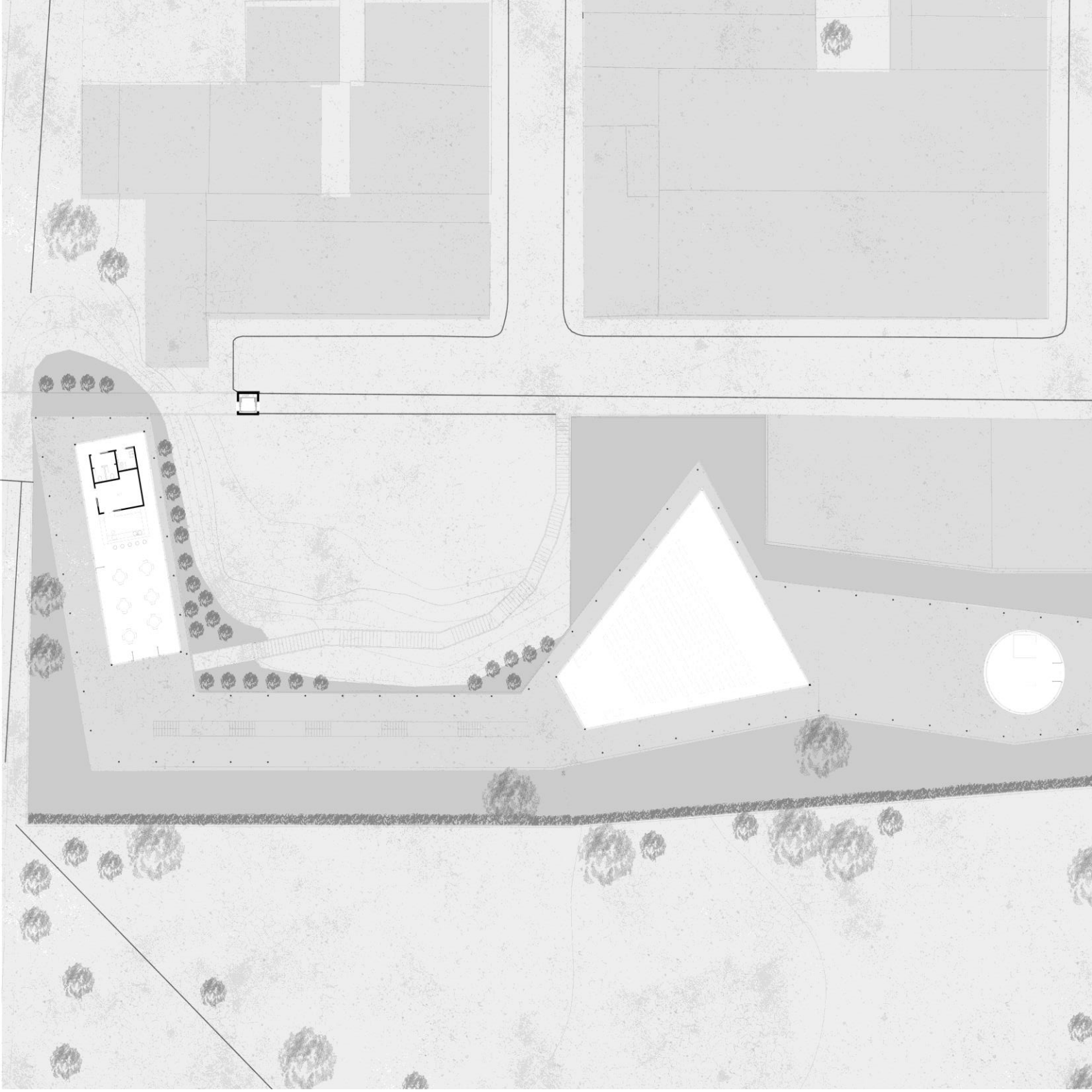


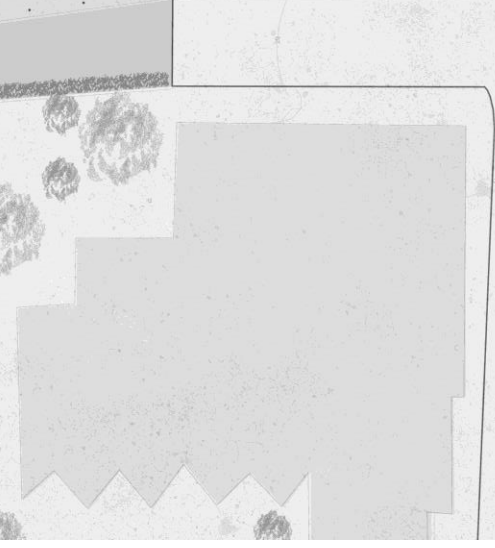
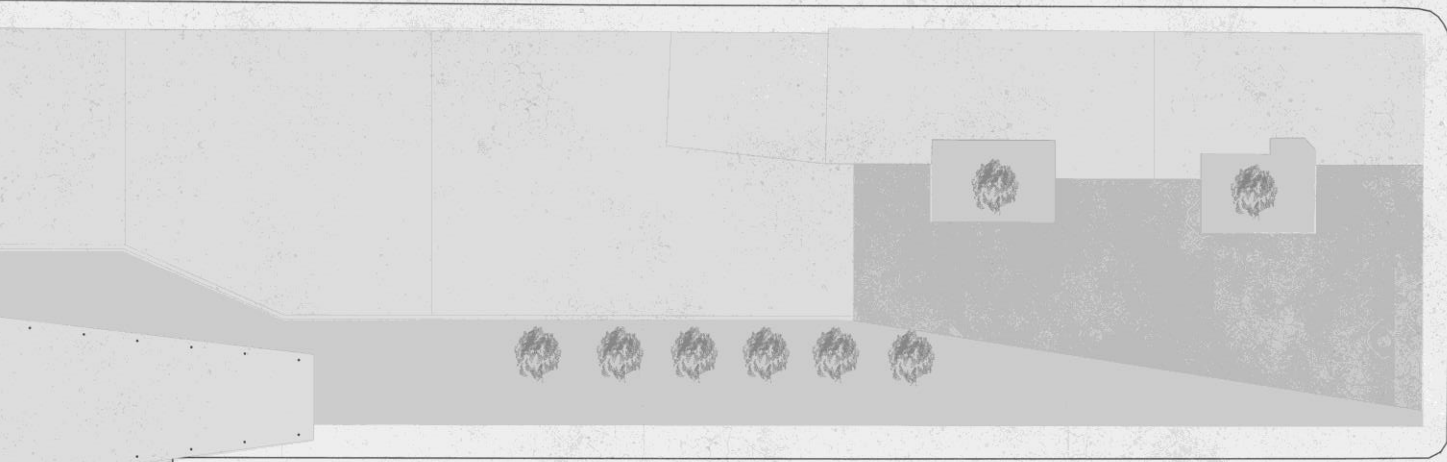
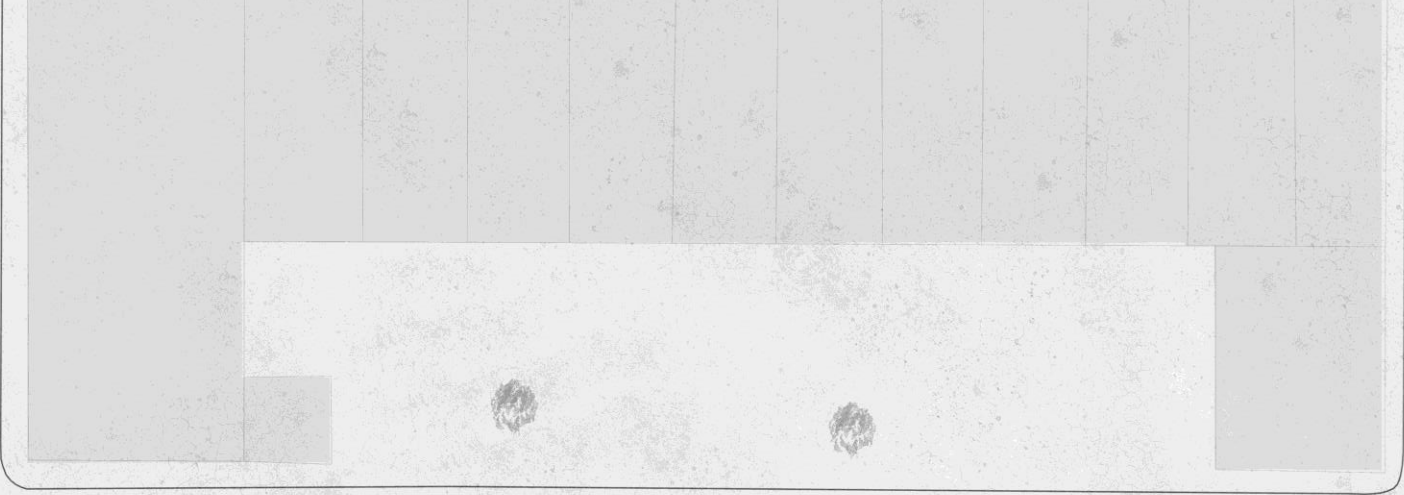




0 2 5 m PLANTA COTA 20

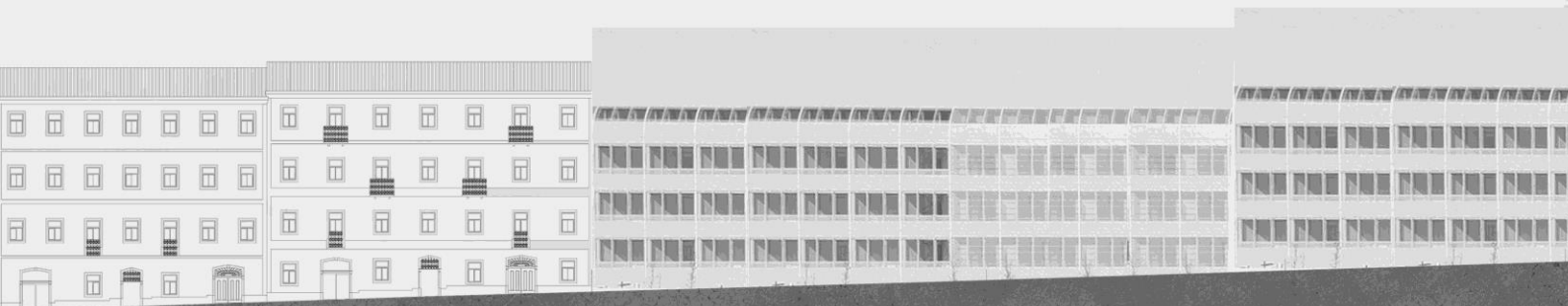






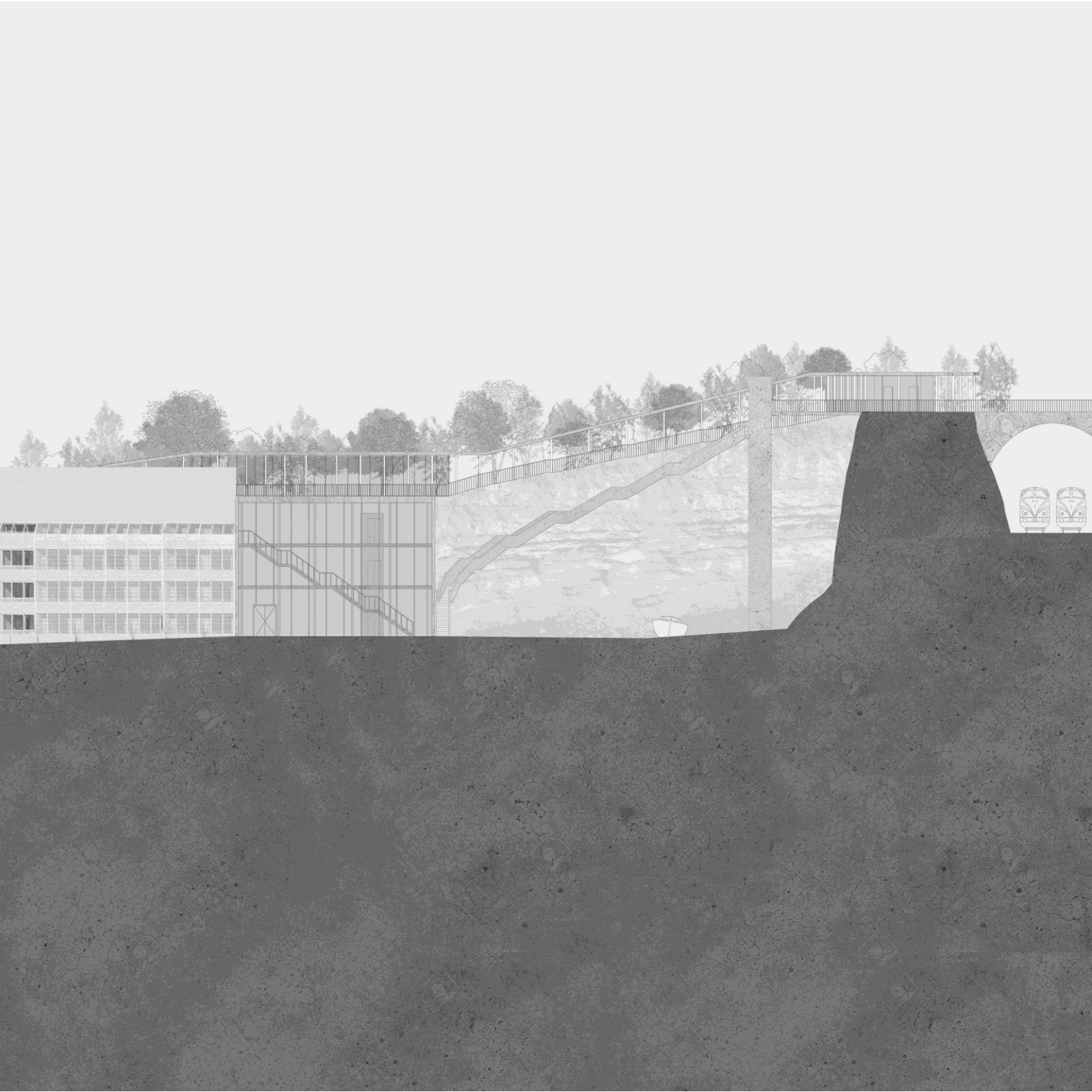
10

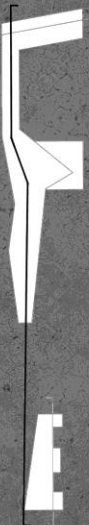
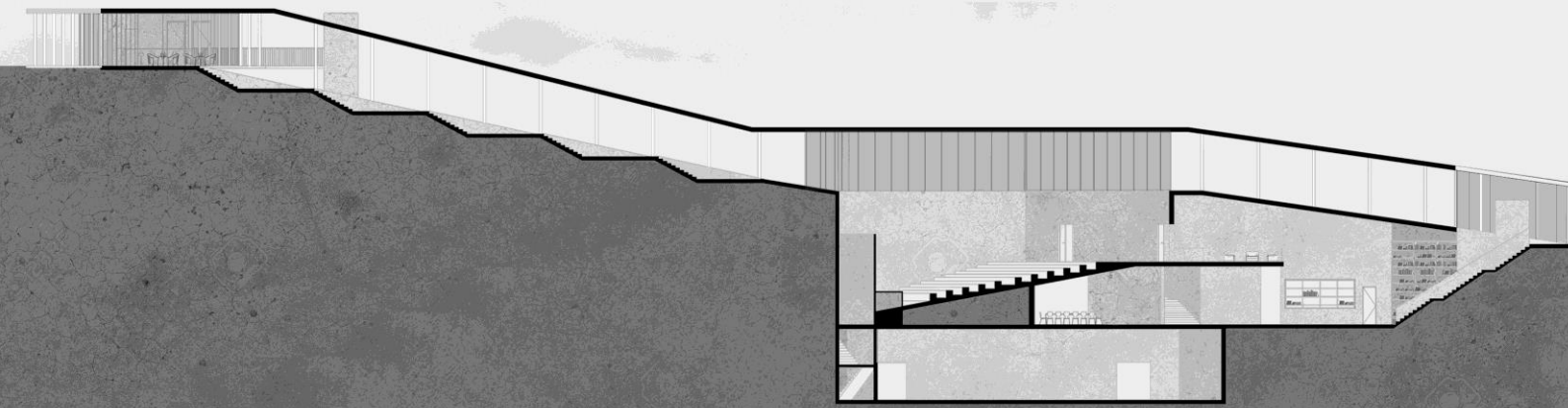




0 2 5 m

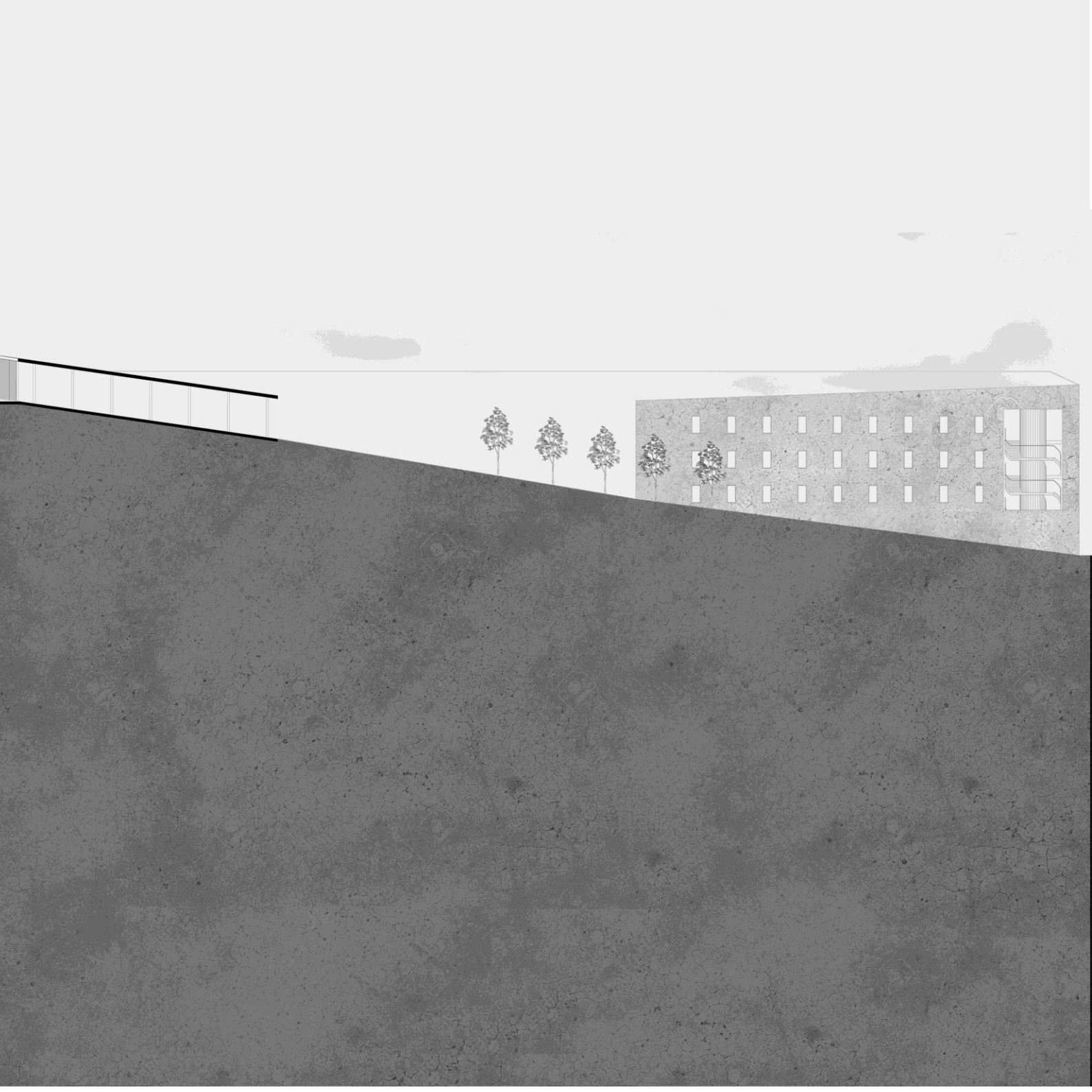
ALÇADO NORTE





0 2 5 m

CORTE TRANSVERSAL





0 1 2.5 m

CORTE CONSTRUTIVO

